

ESTÉTICA NO COTIDIANO EDUCACIONAL: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO COM ADOLESCENTES

ADRIANA ROSELY MAGRO

**ESTÉTICA NO COTIDIANO EDUCACIONAL: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO COM ADOLESCENTES**

ADRIANA ROSELY MAGRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação - Área de Concentração: Práxis Pedagógicas e Gestão de Ambientes Educacionais.

Orientador:
Prof. Dr. Levino Bertan

370.15
M212e

Magro, Adriana Rosely

Estética no cotidiano educacional: um estudo
etnográfico com adolescentes / Adriana Rosely
Magro. - Presidente Prudente : [s.n.], 2006.
127 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) –
Universidade do Oeste Paulista, UNOESTE
Presidente Prudente, SP 2006.
Bibliografia

1. Arte e educação. 2. Educação. 3. Estética.
4. Ambiente escolar . I. Título.

ADRIANA ROSELY MAGRO

**ESTÉTICA NO COTIDIANO EDUCACIONAL: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO COM ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, ___ de _____ 2006.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Levino Bertan
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste

Prof^a. Dr^a. Maria Regina Clivati Capelo
Universidade do Oeste Paulista - Unoeste

Prof. Dr. Alberto Albuquerque Gomes
Universidade Estadual Paulista -UNESP
Presidente Prudente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe e meu pai que nunca mediram esforços na minha trajetória educacional. Dedico especialmente a Fernando Augusto, pelo carinho, amor, confiança e ajuda constante durante a elaboração desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

À minha família e meus amigos, em especial Andréia Dutra, pela acolhida em sua casa e pelas longas horas de debate acerca da educação.

Também ao professor orientador, Dr. Levino Bertan pela dedicação.

À professora, Dra. Maria Regina Clivati Capelo, pela amizade e carisma.

À CAPES.

“[...] nada é fixo para aquele que alternadamente pensa e sonha [...]”

Gaston Bachelard

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo “revelar” a questão estética no cotidiano dos ambientes educacionais não formais e seu valor educacional. Dessa forma, confiro à estética um caráter facilitador que pode nos ajudar a compreender e a interpretar o passado, a realidade presente e a nós mesmos em processo de auto reflexão. Para análise da questão, tomei como base adolescentes entre 11 e 16 anos que freqüentam a escola formal e, no contra-turno escolar participam de um grupo de educação não formal. No trabalho solicitei que eles fotografassem o que viam de belo em seus lares, em seu cotidiano. Não se trata de uma beleza vaga inalcançável, mas de encontrá-la no dia-a-dia, imprimir nos objetos que o cercam este sentido e assim registrá-los. O que chamou a atenção foram as relações de beleza encontradas na vida diária desses adolescentes. Nas imagens feitas, observei que o belo para eles está ligado ao cotidiano e às lembranças do social. Há sempre uma referência sentimental de beleza em relação a si mesmos, a outros membros da família e aos objetos úteis. Assim eles trazem quintais, salas, armários de cozinha, paredes, plantas em vasos, flores naturais e artificiais, cães, gatos, porcos, bois, passarinhos, televisores, computadores, latinhas, luneta, Bíblia, livros, árvores, desejos, lembranças, segurança, enfim, o mundo chamado “sua casa” e a visão da janela para fora dela. As artes têm a capacidade de trabalhar esse olhar pensante, de atuar com todos os que delas se utilizam, numa direção de aprofundamento, de aprendizado, de crítica e de contemplação.

Palavras-chave: Arte e educação. Estética. Educação.

ABSTRACT

The aim of this work is to disclose the aesthetic question in non formal social environments. Doing so, I will be given aesthetic a facilitative character that can help us understand and interpret the past and present moment, as well as ourselves through a process of self-reflection. In order to analyze the question mentioned above, I have worked, as a starting point with teenagers aged between 11 and 16, currently enrolled in a formal school, who before or after their regular classes join a non-formal education group. I have asked them to take pictures of what they considered beautiful in their homes and their everyday lives. It is not about finding a vague unreachable beauty; it is about finding it in their lives. What was found in the life of these teenagers called our attention. I was able to observe, through the images grasped by the camera, that to these adolescents, the concept of beauty is attached to their daily routine, as well as to social memories. There is always a sentimental reference of beauty related to themselves, other members of the family and useful objects. So, they bring backyards, living rooms, kitchen cupboards, walls, plants in vases, real and artificial flowers, dogs, cats, pigs, birbs, televisions, computers, small cans, lunettes, the bible, books, trees, desires, memories, feelings of safety, anyway, a world called "home" and the window view outside. The fine-arts are able to build this thoughtful critical eye, work with all those who interact with them, in a path of learning, criticism and contemplation.

Key-words: Art-education; Beauty; Educatio

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	- A cômoda	56
FIGURA 2	- Os livros	58
FIGURA 3	- O passarinho	61
FIGURA 4	- A coleção de latinhas e o telescópio	64
FIGURA 5	- A Bíblia	66
FIGURA 6	- A natureza	68
FIGURA 7	- As flores artificiais	70
FIGURA 8	- O antúrio	72
FIGURA 9	- Composição natureza morta	74
FIGURA 10	- Os peixes inseridos na natureza	76
FIGURA 11	- O porquinho na terra	79
FIGURA 12	- As flores	81
FIGURA 13	- As vacas	83
FIGURA 14	O porco	85
FIGURA 15	As plantas	86
FIGURA 16	A paisagem	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ESTÉTICA	17
1.1 As Estéticas	18
1.2 A necessidade da Arte	21
1.3 O Cotidiano	27
1.4 A Educação não Formal	35
2 A ESTÉTICA NO COTIDIANO EDUCACIONAL	41
2.1 A Fotografia	47
2.2 Aproximações Metodológicas.....	52
2.3 Imagens Agem: Análise dos Dados.....	54
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	106
BIBLIOGRAFIA SUGERIDA.....	108
APÊNDICE – Entrevistas completas com os envolvidos na pesquisa.....	109
ANEXO – Algumas imagens não selecionada na composição do trabalho.....	123

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo “revelar” o conceito e a experiência do belo no cotidiano dos ambientes educacionais não formais e o valor educativo dessa experiência estética no desenvolvimento do humano e da inteligência.

Falar da beleza que habita a relação de um sujeito com um determinado objeto é assumir que existe um “belo para algo” e, neste caso, o belo estaria a serviço tanto do processo educativo quanto do desenvolvimento da capacidade criadora, da resolução de problemas de todo tipo, fomento a uma consciência e educação estética.

Assumo o conceito de estética neste trabalho sendo o mesmo dado por Lucia Santaella que afirma: “a palavra estética deriva do termo *aisthesis*, que significa sentir. A raiz grega *aisth*, no verbo *aisthanomai*, quer dizer sentir, não com o coração ou com os sentimentos, mas com os sentidos, rede de percepções físicas”. (SANTAELLA, 1994, p. 11) e, confiro à estética um caráter facilitador que pode nos ajudar a compreender e a interpretar o passado, a realidade presente e a nós mesmos em processo de auto reflexão.

Assim, onde está a estética no contexto educacional? Como os adolescentes a percebem? Será que percebem? Segundo Duarte Jr (1986, p. 45) “A beleza habita a relação. A relação que um sujeito (com uma determinada percepção) mantém com um objeto”. O aspecto estético fortemente presente na vida cotidiana

dos adolescentes é de caráter simbólico, como podemos observar nos relatos a respeito do valor que “os objetos” têm para eles.

Fernando Hernández (2000, p. 42) aponta que o desenvolvimento de um trabalho artístico potencializador do valor estético de seu produtor, é capaz não só de gerar uma habilidade manual mas (...) “desenvolver um dos sentidos (a audição, a visão, o tato) ou expande sua mente, mas também, e sobretudo, delinea e fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar, etc. o que lhe cerca e também a si mesmo”.

Ancorado na perspectiva de desenvolvimento pessoal e social da arte e da estética proposta por Hernández, este trabalho tem como sujeitos, crianças e adolescentes que freqüentam a escola formal e, no contra-turno escolar participam de um grupo de educação não formal. O trabalho de campo foi realizado da seguinte forma: primeiramente travei contato com os adolescentes envolvidos na pesquisa, estimulei discussões preliminares acerca do belo e da beleza existente no cotidiano. Em seguida ofereci máquinas fotográficas compactas munidas de filmes coloridos, para que pudessem capturar imagens do que consideram belo em suas casas, dentro ou fora dela.

Solicitei que eles fotografassem o que viam de belo em seus lares, em seu cotidiano. Apontei que não se tratava de uma beleza vaga inalcançável, mas do belo que encontramos nas coisas comuns, nos objetos que nos cercam deste sentido e assim fotografá-los.

Escolhemos a fotografia como meio porque ela nos “permite um recorte iconográfico onde a realidade é apreendida com tal grau de semelhança que pode

adquirir – como o foi no passado – um estatuto de verdade”¹. Sua escolha implica também um certo lidar com a mídia e novas tecnologias da imagem na sociedade contemporânea, sem as quais não podemos pensar a vida hoje. A imagem fotográfica televisiva, filmica e videográfica está por todo lado manipulando desejos, seja via sinalização, educação, publicidade ou lazer.

O referencial teórico perpassa estudiosos da educação, da linguagem, da arte educação e da sociologia. Mukarovsky (1989) nos *Escritos sobre Estética e Semiótica*, justifica a existência do valor estético em todo ato humano, e é exatamente este o cerne deste trabalho: abordar a questão do belo, do admirável na atividade prática, na atividade teórica e nas atividades prazerosas de felicidade e satisfação humana, “belo” a partir de uma referência, neste caso uma referência educativa.

Agnes Heller (2004) nos mostra que a significação da vida cotidiana não é apenas heterogênea, é também hierárquica, nem se apresenta como eterna e imutável. Aponta que o curso da história cotidiana adota o sujeito assim que ele nasce, porém é ele que deve dominar a manipulação das coisas cotidianas.

A análise das imagens é feita com o auxílio de Santaella (1994) e Fabris (1998). Essas autoras auxiliam a destrinchar todas essas construções sógnicas ajudando esclarecer os usos e funções da fotografia no curso da história da sociedade moderna considerando o aspecto da cultura. Como a arte educação permeia todo este trabalho, contribuem ainda para nossa análise Duarte Jr (1998), Coelho (1999), Freire (1967) e Simson (2001), além dos teóricos da área de metodologia de pesquisa qualitativa.

¹ Anotação de aula do curso “semiótica da arte” no programa *latu sensu* “Historia e teorias da arte: modernidade e pós modernidade”, 2003.

Para melhor organizar o conteúdo, os referenciais teóricos e as análises, o trabalho constitui-se de dois capítulos. No primeiro capítulo, consta um panorama da estética, da arte, destacando as questões mais importantes do cotidiano e o “entre-lugar” do saber: a educação não formal. Isso permite maior clareza da importância do estudo escolhido dentro do contexto da educação e da estética.

O segundo capítulo traz a descrição metodológica, introduz algumas questões conceituais referentes à imagem fotográfica e suas funções, o olhar que é desenvolvido pela educação estética e apresenta as imagens coletadas. No mesmo capítulo, é feito o estudo de verificação do belo no cotidiano dos adolescentes e a identificação do valor da estética como experiência ou influência educativa.

Por fim, as considerações finais ressaltando as contribuições da pesquisa.

O texto procura apresentar a concepção de beleza vivida no contexto educativo de adolescentes da periferia urbana e da zona rural de Londrina/PR. A região norte, foi escolhida para o estudo, por concentrar a maior parte das populações de baixa renda econômica, somando aproximadamente 50 mil habitantes e, por concentrar o maior número de escolas públicas estaduais.

Durante o mês de junho de 2004, visitei o bairro José Belinati dessa região, caminhei por alguns locais onde residem adolescentes em situação de vulnerabilidade pessoal e social que num turno freqüentam a escola pública local, e participam também de um programa educativo.

O outro grupo fixado na zona rural, em Guaravera. Este, por estar geograficamente muito afastado do centro urbano, até dos bairros periféricos, faz

com que mantenha uma estrutura social diferente daquela encontrada no espaço urbano.

São aproximadamente 50 quilômetros de distância entre o distrito de Guaravera e o primeiro bairro urbano da cidade de Londrina e as linhas de transporte coletivo que servem àquela região não obedecem frequência necessária para suprir a necessidade da região. Esse dado pode acarretar demora de até duas horas no trajeto.

Guaravera está localizada no extremo sul da cidade, já na saída para o município de Curitiba. Sua população está dividida entre aqueles que trabalham na lavoura como empregados, pequenos agricultores, sub-empregados que vão à zona urbana para trabalhar e muitos acabam tendo como fonte de renda os auxílios vindos da assistência social e dos programas de atendimento social do governo federal.

Esses dois espaços sociais, zona norte e zona rural, foram escolhidos para que fosse possível abordar o belo de modo também diferente. Esta diferença interessa porque permite observar os pontos de divergência e convergência entre os grupos.

Com o grupo rural, a pesquisa aconteceu nos meses de novembro e dezembro de 2005. Caminhando pelos dois ambientes, verifiquei que o grupo de adolescentes da zona rural mantinha a mesma estrutura educativa que o do outro bairro urbano, ou seja: freqüentava a escola pública local e participava de programas educativos não formais.

Nas caminhadas observei cada grupo, onde moram, como vivem e quais são alguns de seus interesses e suas relações sociais.

1 ESTÉTICA

Este capítulo trata da questão estética conceitualmente, sua origem e seus pilares filosóficos tomando como base o livro “Estética de Platão a Peirce” de Santaella (1994).

O primeiro a utilizar o termo estética na Filosofia foi Alexander Gottlieb Baumgarten (1735), no texto *Reflexões filosóficas sobre algumas questões pertencentes à poesia*, definindo-a como a ciência da percepção em geral. Em seguida escreve sua *Aesthetica* (1750), conceituando a estética como ciência do conhecimento sensitivo ou da sensibilidade, incluindo-se nela o conhecimento do Belo. Depois de Baumgarten, será Immanuel Kant, com a *Crítica da Faculdade do Juízo* (1790), em especial com a primeira parte: *Crítica da Faculdade de Juízo Estético*, que dará forma e conteúdo à estética filosófica.

A *Aesthesis*, como uma dimensão própria do homem, tem despertado, desde a Grécia antiga, interesse e preocupação no homem por aquilo que, efetivamente, lhe agrada. Essa disposição ao questionamento do belo, a busca incessante pela compreensão e delimitação do conceito de beleza move a estética no transpassar da vida humana como disciplina filosófica, como mera fruição, como criação, como um ideal ou como uma ruptura. Santaella (1994) diz que as estéticas filosóficas do Ocidente passaram por pelo menos três fases diferenciais. A primeira é a do nascimento das teorias do belo e do fazer criador de Platão e Aristóteles. Na segunda, a ênfase no objeto da beleza é deslocada para o sujeito que a percebe. Já

na terceira fase, a partir do século XIX, o descentramento da secular preocupação com o belo veio produzir a explosão e atomização cada vez mais crescente da estética em versões particularizadas e diferenciais.

Esta divisão de Santaella em *Estética de Platão a Peirce* (1994) será tomada como base para esta primeira parte do trabalho, que tem por objetivo traçar um panorama da estética filosófica ocidental, onde a multiplicação das estéticas, que aborda principalmente as estéticas fenomenológicas, aparece.

1.1. As Estéticas

Schopenhauer (1819), publicou a primeira edição de *O Mundo como Vontade e Representação*. Suas idéias levaram algum tempo para serem reconhecidas, mas seu pessimismo da razão influenciou Nietzsche, Sigmund Freud, como também Ludwig Wittgenstein, além de poetas e artistas, que absorveram suas idéias. Para ele, a causa e essência do mundo estão numa força cega, que ele personificou na Vontade, ou Vontade de Viver.

Apesar de seu pessimismo, a filosofia de Schopenhauer aponta algumas vias para a suspensão da dor. Num primeiro momento, o caminho para a supressão da dor encontra-se na contemplação artística. A contemplação desinteressada das idéias seria um ato de intuição artística e permitiria a contemplação da vontade em si mesma, o que, por sua vez, conduziria ao domínio da própria vontade. A arte atenua os males da vida ao nos mostrar o eterno e o universal por detrás do transitório e do universal.

Na teoria schopenhaueriana da arte a inspiração neoplatônica é evidente: a vontade se manifesta antes nas idéias eternas e depois com o intelecto se projeta no mundo dos fenômenos. A contemplação estética, o espírito das aparências fenomenais se eleva à intuição dos modelos ideais. Assim, o homem se liberta da vontade e com ela da dor, através de uma forma de atividade, que é a arte, com a qual as coisas não são mais vistas na sua conexão causal, mas na universalidade da idéia.

Nietzsche (1927) diz que as origens da arte e de toda criatividade devem ser encontradas nos aspectos duais da natureza humana, por ele chamados de apolíneo, derivado do deus Apolo², e dionisíaco, de Dionísio³. O lado dionisíaco está mais presente na música e na tragédia, e o apolíneo, nas artes plásticas. Para Nietzsche, a existência só pode ser entendida e justificada em termos estéticos, do que decorre que a investigação levada a cabo pela ciência ou é um equívoco, ou uma rival da arte.

“A beleza é uma aparência” (SANTAELLA, 1994), e esta é uma questão fundamental na filosofia de Nietzsche. Por trás da aparência, existe uma essência que quer ser escondida, mascarada para o mundo. O belo cria uma sensação de prazer que virá anestesiar as sensações desagradáveis da vida. Essa aparência é necessária para a libertação da dor.

Santaella nos mostra ainda como o pensamento de Heidegger contém um aspecto sociológico. Diagnosticou a sociedade industrial como incapaz de valorar. A existência humana estava ameaçada pelo fato de que o valor de uso e consumo absorveu todos os demais. Considera o nascimento de mundos humanos

² Deus da retidão, do pensamento claro, intelectual, geométrico.

(mundos culturais em que o homem está inserido) como um acontecimento metafísico. E a arte tem que ser entendida em sua essência a partir desse acontecimento metafísico.

Heidegger (1950), em *A Origem da Obra de Arte*, evidenciou que a arte é um meio privilegiado para o acontecimento da verdade. Na obra de arte há um acontecer da verdade, nela se manifesta o horizonte de significação no qual se abre o ser, a fonte luminosa a partir da qual os homens vêem com seu olhar interior.

A teoria estética de Adorno (1982) é ao mesmo tempo crítica e filosófica. Para Adorno, a arte encontra-se em estado de paralisia. Sua autonomia, conseguida a duras penas, volta-se contra ela. A arte entra no campo das mercadorias e serve de veículo ideológico ao poder social.

A fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) pressupunha uma beleza vinculada ao sujeito no sentido que a percepção compunha o objeto e que o aspecto material da beleza não podia ser suposto sem um sujeito que a percebesse. Havia muito mais na beleza percebida do que numa suposta beleza independente da percepção. No livro *Fenomenologia da Percepção* o autor aborda dois aspectos fundamentais do princípio da beleza que são: o concreto e o vivido.

Nessa perspectiva, Mukarovsky (1988, p. 119) define a estética como “a ciência que estuda a função estética, as suas manifestações e os seus portadores”. E distingue quatro tipos de atitudes do homem perante o mundo: prática, teórica, religiosa, e estética. A atitude do homem perante o mundo que o rodeia é diferente quando ele atua de modo prático, de quando ele procura conhecê-lo de maneira científica, ou quando procura entendê-lo sob uma perspectiva

³ Deus do vinho, embriagues, prazer, orgia, gozo.

religiosa. Na atitude estética a atenção é dirigida sobre a própria realidade, convertida em signo.

A segunda parte deste capítulo focaliza a arte, os aspectos excludentes da dominação ideológica, sua real dominação econômica, a arte como necessidade humana e sua necessidade como disciplina a ser aprendida e ensinada nos ambientes educacionais.

Assim, mostra a falta de atenção ou a mera exclusão que a disciplina de arte na escola formal tem alcançado espaços assustadores, como por exemplo, a classificação das aulas de arte como o momento da bagunça, a hora atividade do “professor da sala” ou ainda creditando na disciplina de arte as atribuições de “decoração” ou “confeção” das lembrancinhas oferecidas aos pais.

1.2 A Necessidade da Arte

Algumas vezes a arte é vista como supérflua, fundamentada no entendimento de que o Brasil tem outras necessidades primárias, como a alimentação e saúde, considerando suas profundas desigualdades sociais.

Poderíamos levantar, ainda, uma perspectiva excludente da arte, visto que, sua produção e consumo demandam significativos recursos financeiros, restringindo o acesso a espaços de exposições sofisticados repletos de “regras de conduta” que inibem a visita de um público mais amplo, e ainda, as obras são as vezes, demasiadamente herméticas, não facilitando aproximação, fruição daqueles menos preparados para isso.

Nesse enfoque, ganha impulso a idéia de que a arte é majoritariamente elitista. Mas, como nos ensina Santaella (1995, p. 15) afirmar que a arte, em princípio, é elitista é transformar em natural e eterno algo que é historicamente determinado, portanto sujeito a mudanças.

É preciso ver que a arte moderna e contemporânea tem suas raízes fincadas em diferentes classes sociais. Artistas destacados como Picasso, Gauguin, van Gogh, Arthur Bispo do Rosário e Volpi vieram das classes menos favorecidas. Todos eles e outros que poderíamos citar buscaram em seu universo de sensações cotidianas, motivos para alimentar sua produção.

Outra consideração que devemos fazer é a de que se o investimento financeiro que se faz em arte fosse todo revertido às questões sociais não abriria uma lacuna?

Assim, além das classes excluídas serem privadas de seus direitos primários elas ainda teriam que privar-se da fruição estética?

Desse modo é Santaella (1995, p. 18) que diz:

(...) ao invés de lançarmos indiscriminadamente nossas pedras sobre os produtos artísticos dos quais as classes opressoras econômica, política e culturalmente se assenhoraram, não seria mais revolucionário culturalmente fazer incidir um dos focos de luta contra valores estéticos que a classe dominante defende como eternos e imutáveis e através dos quais sua impositação de superioridade se perpetua? Caso contrário estaremos caindo no engodo mesmo do que pretendemos combater, dando posse ideológica e política ao que não passa de posse econômica, lendo os produtos artísticos através das lentes redutoras pelas quais as classes dominantes querem que eles sejam lidos.

Em síntese, alegar que a arte é supérflua e elitista, contribui para que a arte continue sendo instrumentalizada pelas elites dominantes. Nesse aspecto ainda é Santaella (1995, p. 51) quem diz:

(...) não apenas não é justo, como também, e isso nos parece o mais importante, não é estratégico como forma de luta. Não se quer com isso afirmar que a arte pode, por si só mudar o curso da história, mas pode isso sim, constituir-se num elemento ativo desta mudança.

Por esse motivo é que Coelho, (1999 p. 56) afirma que a arte educação potencialmente atua numa perspectiva de mudanças sociais através do “(...) desenvolvimento da percepção visual, da imaginação criativa, do desenvolvimento da flexibilidade na resolução criativa de problemas de todo tipo (...) que se tornam meios para o desenvolvimento de uma consciência social por meio da produção artística”.

A arte ou a linguagem artística é, muitas vezes, reduzida à técnica de ilustração e ou veiculação dos conteúdos diversos para torná-los mais agradáveis e interessantes. Não que seja um erro buscar alternativas mais eficientes para as outras áreas de conhecimento, o erro é tornar a arte um mero instrumento disso.

É preciso ver a arte na sua condição de pensamento de felicidade como expressa Stendhal, uma possibilidade de respostas para as perguntas inquietantes da existência conforme nos lembra Santos Neto (1997) em seu livro “A poética do desenho” para enfim dizer com Peirce, via Santaella (1994), a estética é o fim último de nossas ações.

A linguagem é ferramenta necessária para a construção de qualquer conhecimento. Por isso, é importante compreender que existem muitas linguagens além da falada. O domínio de uma nova linguagem seja ela o teatro, música, artes plásticas ou escultura traz à pessoa que a domina uma nova forma de conhecer a realidade, uma nova forma de ver, de falar, de escrever, de compreender-se a si mesmo, com nos diz Ricoeur apud Larrosa, (2004, p. 41),

(...) nossa própria existência não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos. É contando nossas próprias histórias que damos, a nós mesmos, uma identidade. Reconhecemo-nos, a nós mesmos, nas histórias que contamos sobre nós mesmos. E é pequena a diferença se essas histórias são verdadeiras ou falsas, tanto a ficção, como a história verificável, nos provém de uma identidade.

Assim, "cada linguagem é absolutamente insubstituível. Todas as linguagens se complementam no mais perfeito e amplo conhecimento do real" diz Boal (1975, p. 20) em seu livro Teatro do Oprimido.

Mas, essa perspectiva de complexidade foi obliterada com o advento do iluminismo e da defesa da razão pura, senão excluída do tripé: razão, emoção e vontade, limitando o espaço do sensível de aprendizagem global do ser humano. E assim vem sendo perpetuada na sociedade, transmitindo conceitos desvinculados da vida e realidade concreta das pessoas não permitindo acesso e fruição de outras formas de linguagem, ou relegando a elas um espaço insignificante diante da unicidade da razão, esquecendo que todo o conhecimento científico parte ou partiu de uma experiência pessoal ou até mesmo subjetiva e sensível, como por exemplo: a geografia com a paisagem. Aprendemos primeiramente o que é um rio, uma floresta, uma flor ou um campo. O mundo antes de ser tomado como matéria inteligível, se apresenta a nós como objeto sensível, que se sente, se vivencia.

Duarte Jr (1998, p. 24) afirma que "todo o processo de conhecimento e de aprendizagem humanos se dá sob dois fatores: as vivências e as simbolizações", desse modo, ainda o mesmo autor (1991, p. 43) nos diz que "se os símbolos lingüísticos são incapazes de nos apresentar integralmente os sentimentos, a arte surge como uma tentativa de fazê-lo".

A educação estética é o trabalho de produção de conhecimento pelo universo da arte, ou seja, arte educação. A arte, bem como toda a história é parte de uma dada realidade conjuntural, sendo: sócio-econômica-política e cultural, aí ela se situa e se desenvolve. Ainda é Duarte Jr (1991, p. 73) que afirma:

(...) por isso, na arte-educação, o que importa não é o produto final obtido; não é a produção de boas obras de arte. Antes, a atenção deve recair sobre o processo de criação. O processo pelo qual o educando deve elaborar seus próprios sentidos em relação ao mundo à sua volta. A

finalidade da arte-educação deve ser, sempre, o desenvolvimento de uma consciência estética.

A proeminência da estética é apontar situações pertinentes à esfera dos sentimentos, de forma que nos remeta à nossa própria prática, fugindo da linearidade da linguagem verbal. O autoconhecimento que a experiência estética proporciona transforma-se em pluralidade e em diversidade, que se respeitadas e valorizadas, proporcionam melhores condições para alcançar os objetivos do ensino. A educação estética tem a ver, sobretudo, com a dimensão da experiência interior próxima da fantasia e próxima também daquele vínculo não racional que une o ser humano às coisas.

Como já assinalou Sartre (1973, p. 81) "(...) A emoção não é um acidente, é um modo de existência da consciência, uma das formas pela qual ela compreende o seu ser-no-mundo", E ainda podemos afirmar, como Fredereck Pearls, apud Alves, (1975, p. 101) que os [...] "sentimentos não são impulsos isolados, mas evidências estruturadas da realidade, ou seja, da interação do campo organismo/ambiente para o qual não existe nenhuma outra evidência direta a não ser o sentimento".

Por esses motivos, a arte se apresenta à sociedade como elemento constituinte de humanização. Como elemento que conduz alguém a si mesmo; aliás, este é o núcleo e a grandeza da experiência estética. Trata-se da relação interior com a matéria do estudo, do trabalho cotidiano, do exercício de aprendizagem, uma experiência na qual o "aprender forma ou transforma o sujeito". Esta é uma bela imagem para quem trabalha com a educação. "Alguém que conduz alguém até si mesmo" (LARROSA, 2004, p. 51). E, para alguém que aprende, espera-se não um

sectário, “mas alguém que ao ler com o coração aberto, volta-se para si mesmo, encontra sua própria forma, sua própria maneira” (LARROSA, 2004,p. 51).

Outros valores também se agregaram ao desenvolvimento de uma educação estética. Fernandez Hernández (2000, p. 44-45) aponta algumas questões pertinentes nesse aspecto e as chama de “racionalidades”. Esses aspectos são em número de onze e tiveram seu espaço de defesa do ensino da arte em diferentes épocas e lugares. Eles são: industrial, histórica, forasteira, moral, expressiva, cognitiva, perceptiva, criativa, comunicativa, interdisciplinar e cultural. É com base no autor supra citado que discorreremos sobre os onze aspectos.

Som o aspecto industrial considera-se que a arte gera habilidades e destrezas úteis. Esse argumento foi utilizado no final do século passado. O argumento histórico tem seu valor permanente de reconhecimento advindo da própria história da arte. O forasteiro reivindica a importância que a arte tem em outros países e questiona o fato de que em alguns países não se dá valor à arte. Esse argumento foi veiculado no período de desenvolvimento industrial. O aspecto moral contribuiu para o cultivo de uma vida espiritual e emocional. Esse argumento foi utilizado nos anos 1920 e no pós II guerra. O aspecto expressivo sustenta que a arte é essencial para projetar sentimentos. Esse argumento teve início nos anos 1940 com Lowenfeld⁴ e continua presente. O aspecto cognitivo considera que a arte adquiriu importância sob influência da educação conceitual, sobretudo a partir dos anos 1960. O aspecto perceptivo defende que possa desenvolver a percepção visual tanto para a estética como para o meio. Assim como o anterior, esse aspecto é estabelecido nos anos 1960. O comunicativo surge na tentativa de ensinar a ler e produzir imagens; alguns aspectos da semiótica e conceitos da linguagem formal

⁴ Lowenfeld, Viktor. A criança e sua arte. Editora mestre Jou, 1954.

constituem essa racionalidade que é atual em alguns países. O argumento interdisciplinar estabelece que o ensino de arte deve organizar essa disciplina em quatro pilares, sendo: a estética, a história, a crítica e a produção artística. Essa proposta encontra-se na metodologia triangular de Ana Mae Barbosa⁵. O cultural considera que a arte é uma manifestação cultural e a compreensão e produção desses significados culturais é seu objetivo prioritário.

A última forma de racionalidade acima descrita está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais e me parece que trilhar esse caminho em direção a uma educação estética não corresponde a uma moda, e sim a uma necessidade mais geral em decorrência de um fenômeno que tem a ver com o papel da escolarização na sociedade de informação na qual vivemos. O caminho oferece alternativas para uma aprendizagem de busca de referências e orientações que lhes permitam avaliar, selecionar e quiçá interpretar o volume de informações que recebem todos os dias. Esse processo permite alavancar elementos para a auto-reflexão de si, para si e em direção ao outro.

1.3. O Cotidiano

A organização da vida cotidiana, segundo Pierre Mayol (1996, p. 38-39), se articula em dois aspectos: 1. os comportamentos e 2. os benefícios simbólicos que se espera obter pela maneira de se “portar” no espaço do bairro.

⁵ Pesquisadora e arte educadora, escreveu diversos livros sobre arte educação entre eles: Arte-educação no Brasil. São Paulo, Perspectiva-secretaria de cultura, Ciência e Tecnologia, 1978 (coleção Debates).

Os comportamentos tornam-se visíveis quando se está no espaço social público e podemos verificá-lo na maneira como as pessoas se vestem, nos códigos de conduta, no caminhar mais ritmado ou não e também na forma como se evita ou se valorizam determinados espaços públicos. Já os benefícios que se espera obter pela maneira de se “portar”, relaciona-se à recompensa do bom comportamento.

Os comportamentos do sujeito na vida cotidiana constituem a própria vida, ou seja, o sujeito participa da cotidianidade e por isso o é a própria vida cotidiana. No cotidiano funcionam todos os seus sentidos, suas capacidades, habilidades, enfim, tudo o que compõe a vida individual do sujeito, inclusive sentimentos como paixão, ideologias e idéias. Desse modo, ao mesmo tempo em que se é atuante é espectador dos acontecimentos e situações dos espaços públicos.

Segundo Agnes Heller (2004, p. 18-19) o sujeito nasce e é inserido em sua cotidianidade herdada da família e da sociedade.

(...) o amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.

O adulto deve dominar, antes de mais nada, a manipulação das coisas (das coisas, certamente, que são imprescindíveis para a vida da cotidianidade em questão). Deve aprender a segurar o copo e a beber no mesmo, a utilizar o garfo e a faca, para citar apenas os exemplos mais triviais. Mas já esses, evidenciam que a assimilação das coisas é sinônimo de assimilação das relações sociais.

A vida cotidiana está no centro do acontecer histórico, portanto ela é a própria vida do indivíduo, pois o indivíduo é ao mesmo tempo um ser singular, particular, como também um ser genérico e coletivo.

As necessidades de um sujeito tornam-se perceptíveis no âmbito do “eu”, do individual. É no espaço individual que sente fome, dor de todo tipo, que reconhece o que gosta e o que considera bonito ou não. Mas todo sentimento individual, seja ele de qualquer espécie, é na verdade, um sentimento coletivo, pois está inserido numa cotidianidade social, numa cultura social e como tal deve ser reconhecido como elemento fundamentalmente constitutivo dos sujeitos.

Da mesma forma, o conceito beleza também é constituído socialmente. Só gostamos daquilo que conhecemos; só elegemos belo aquilo que tem relação com nossa vida e nossas escolhas. Assim é que a beleza apresenta-se como elemento de humanização na sociedade em que vivemos e, quiçá provoque questionamentos sobre pertencimento de classe.

A presente pesquisa propôs caminhadas pelas localidades onde residem os adolescentes, como elementos de estímulo e de reconhecimento de espaços. Essas caminhadas pelo cotidiano dos pesquisados permitiram observar de certa forma, seus lares, como eles vivem, alguns de seus interesses e como se relacionam socialmente na periferia da cidade.

Trinta minutos num trajeto de ônibus até chegar à região periférica urbana onde havia um projeto de educação não formal. Neste grupo eu atuava como supervisora pedagógica. Já no grupo rural não, cheguei como pesquisadora.

A preocupação em caminhar pelos bairros onde moram os adolescentes, parte do pressuposto de que o bairro influencia ou se inscreve como influência na vida e na história dos sujeitos, e que, permanece como marca indelével pela memória do vivido em momentos de justificativas pessoais, podendo, dessa forma, influenciar na escolha do que é belo pelo do público pesquisado.

Nosso objetivo nessas caminhadas foi percorrer o universo simbólico implícito no dia-a-dia dos adolescentes a fim de identificar os seus sentidos de prazer e beleza. Para isso, utilizamos a fotoetnografia como meio de aproximação e, posteriormente, entrevistas gravadas e transcritas.

O cotidiano dos adolescentes da zona urbana mostrou-se ao mesmo tempo simples e intenso. As casas, por se tratarem de moradias erguidas sob a condição de financiamento popular, são todas muito parecidas e muito próximas umas das outras, facilitando as relações pessoais. As famílias, quase sempre numerosas e com pouco espaço para manter as individualidades criam uma rede de cumplicidade entre vizinhos. Tal fato, nem sempre é tranqüilo, uma vez que, cada “comadre” palpita sobre aquilo que ouviu da família vizinha.

As fachadas das casas têm sempre a mesma imagem: janela basculante ao lado de uma pequena varanda que dá acesso à porta principal, a chamada “porta da sala”. O quintal permanece, muitas vezes, ainda com piso de terra batida, como foi entregue.

As marcas de terra e outras formas de sujeira impressas nas paredes interiores e exteriores das casas sugerem de um lado o tempo de uso e a falta de cuidado com aquele pequeno patrimônio, de outro, mostra uma liberdade e total tranqüilidade de convívio com o diverso, com o diferente e obriga uma inter relação que permite sempre um elemento novo, uma nova marca de pé na parede, uma figurinha de chiclete colada com um pequeno pedaço de fita adesiva ou um desenho a caneta.

Parece que esse ajuntamento de elementos na casa da zona urbana não tem fim. Dentro das casas e nos quintais há pneus, garrafas, madeiras, tijolos, cadeiras quebradas, brinquedos sem uso, papéis, tubos de cola vazios, pedaços de

corda que um dia foram balanço esparramados pelos quintais. Fico pensando: este ambiente visual além de permitir a entrada do novo, como foi dito acima, também não provoca cansaço... Insatisfação? Não há o desejo de ter os papéis da casa social e da “casa” emocional mais “limpos” e esclarecidos? Quem sabe não é por isso que as crianças e adolescentes permanecem tanto tempo fora de casa fazendo trabalhos escolares ou brincando?

As ruas já com asfalto em quase toda a extensão do bairro permitem jogo de bola, brincadeiras de pique, bicicletas no meio da rua, cães e bancos de madeira ou simplesmente troncos de árvores em cortes verticais pequenos que servem de banquetas nas portas das casas para os momentos, não raros, de conversas entre vizinhos e amigos.

A rua é um território sem fronteiras onde pedestres caminham tranqüilamente, cães passeiam, bicicletas rodam em infinitas voltas. Nela, cenas de amor e ódio são freqüentemente vistas. Como está sempre povoada, não faltam aqueles e aquelas que protagonizam esses atos e não faltam também os espectadores. A rua tem um ritmo que parece um palco de dança. Ouvimos o apito do sorveteiro e o sinal da escola. As crianças brincam na rua, mas já à tardinha elas vão para casa.

Os grupos de adolescentes e jovens têm um movimento desigual, porém, combinado. O adolescente tem características diferentes das dos jovens e nem sempre é aceito no grupo dos jovens mais velhos. Às vezes, o adolescente sofre algum tipo de “humilhação” por ainda não ser da “turma”, mas dado o tempo “certo” é bem recebido e já recebe o status de participar do grupo adulto e discutir sobre o que fazem.

O grupo urbano em questão freqüentava a escola formal nas três escolas públicas da região. As aulas encerravam-se às 12:15 horas, aproximadamente. O trajeto até a casa para o almoço tinha que ser feito sem demora; almoço rápido, para chegar sem atraso ao grupo de educação não formal que funcionava no contra turno escolar.

As atividades desenvolvidas no espaço não formal privilegiavam o interesse do adolescente para, a partir daí, desenvolver outras competências, conhecimentos e habilidades para seu uso social conveniente. Ao final das atividades, a rua era o lugar favorito.

Entregues às delícias de menino, eles corriam para o pequeno lago da região, soltavam pipas, pegavam rabeira em ônibus ou caminhões e somente ao anoitecer voltavam para casa a fim de descansar. Já as meninas assumiam obrigações domésticas enquanto seus responsáveis ainda trabalhavam ou resolviam uma outra coisa qualquer. Cuidar dos menores dentro de casa, preparar a comida e até mesmo lavar a roupa dos residentes fazia das meninas mulheres precoces.

A semana apresentava uma certa ordem social já determinada. O final de semana era aguardado com ansiedade. Dormir mais pela manhã, deitar tarde assistindo a uma programação televisiva, visitar um parente ou um amigo que já não está mais em sua série ou escola, inteirar-se da conversa dos adultos e alguns dedicavam horas a práticas religiosas, como missas, grupos de adolescentes ou células de estudo bíblico.

Mas nem tudo percorria calmamente no cotidiano deles e delas; alguns entrevistados sofriam algum tipo de violência familiar, devido à exploração do trabalho infantil como: sair à noite a fim de catar latinhas de alumínio para vender e

umentar a renda familiar, violência física quando pai ou mãe perdem o controle pelo uso de álcool, violência escolar (Bullying⁶) e até mesmo violência sexual.

O segundo grupo estudado, o da zona rural, talvez por trabalhar maciçamente na lavoura, apresentava sons, cheiros e ritmos bem diferentes daqueles vistos na zona urbana.

Acompanhar e depender do ritmo da natureza para plantar, regar e colher seu próprio alimento fez com que os adolescentes dali aprendessem uma dimensão de vida mais paciente. A primavera fez brotar as laranjeiras que conduziam os fiéis à Igreja e, com a florada o cheiro cítrico no ar brota o tempo de novo plantio, nova luta com a terra.

O prazer de morar “na roça” povoou algumas falas também. A certeza de conhecer o vizinho “da cerca de cima” ou “o compadre que mora adiante da vilinha” dava um aspecto de segurança, de cooperação e de co-responsabilidade no cuidado com os filhos, no trato com as criações e na ajuda mútua sempre que necessário.

Pela distância em que está situada aquela região, a chegada do transporte coletivo é sempre um acontecimento, pois, se a pessoa esperada não chegar na hora prevista, significa que só virá no próximo ônibus, isso representa algumas horas de espera. Foi diante dessa expectativa que eu cheguei lá todas as vezes. Logo no segundo encontro eu já era esperada no ponto de ônibus. Corridas e abraços me invadiam assim que eu descia do coletivo.

Enquanto caminhava por lá, notei uma diferença entre os grupos estudados. O grupo pesquisado na zona rural não gozava da possibilidade de

⁶ Bullying, é um termo americano que significa “valentão”. Crianças e adolescentes que se mostram de alguma

escolher em que escola estudar; pois naquela região só havia uma escola formal. Ao contrário, o grupo urbano podia optar por estudar em outra escola quando as normas, professores ou relações com os colegas não agradavam. O esforço diário de enfrentar os pequenos problemas fez esse grupo mais tolerante, e quando não, mais voltado ao trabalho da lavoura justificando sua ausência ou sua obrigação em manter boa conduta social.

Os adolescentes rurais participantes da escola formal e do grupo de educação não formal, mantinham o ritmo diário apertado entre as atividades e os afazeres domésticos que, dessa vez, eram voltados à própria subsistência, ou seja: alimentar as criações, “apartar” bezerro, colher frutas e legumes, ordenhar vaca, limpar e preparar carne de caça ou de criação.

Os finais de semana não ofereciam diversão, nem bares, festas ou encontros casuais. Todas as possibilidades de diversão estavam concentradas nas festividades religiosas: quermesses, bingos ou bailes, mas, essas oportunidades eram esporádicas. Então, muito cedo os adolescentes começavam a usar álcool, namorar e em seguida juntavam-se a alguém formando família.

A zona rural apresentava um universo diferente. A distância do centro da cidade dificultava o desenvolvimento de outras opções de estudo e de trabalho. A tradição de sofrimento e privações imposta socialmente ao trabalhador rural e o culto religioso apontavam como uma das poucas opções de lazer, esse fato os levava a assumir uma postura de seriedade muito mais cedo.

1.4 A Educação Não Formal

O final dos anos 1960 e os primeiros anos de 1970 foram anos marcados pelo governo militar. As ações de crítica à opressão ou ao governo eram combatidas veementemente com atos institucionais. O AI-5 determinou que muitos daqueles que buscavam a conscientização da população para a real participação na tomada de decisões fossem perseguidos, sendo a mínima punição o exílio.

No campo da educação, como em todos os outros, o governo militar ditou as regras a serem seguidas e estabeleceu a sua “cartilha”. Os métodos que aplicava investiam no peso do valor simbólico da educação, pois eles sabiam que as idéias que estavam plantando perdurariam como herança indelével à população.

Mas, justamente, no campo da educação, surgiram propostas perigosas (a partir do olhar totalitário do governo em questão) e inovadoras postas em prática por pequenos grupos e comunidades no interior do país. Eram grupos de estudantes, religiosos e tantos outros a que então foi dado o nome de “Movimentos de Cultura Popular”⁷.

A prática de trabalho desses movimentos de cultura popular advinha da educação de jovens e adultos, transformada em pouco tempo em múltiplos projetos de Educação Popular e Cultura Popular. Mas, face ao governo vigente, não apenas as idéias, mas também muitas pessoas tornaram-se, de uma hora para outra, proibidas. O advogado e então educador “Paulo Freire”⁸ foi uma dessas

preferido de humilhações e gozações; característica da violência escolar.

⁷ Os movimentos de cultura popular ganharam força devido a confluência de teorias e práticas libertadoras advindas de vários grupos. Um forte grupo foi as CEB's (Comunidades Eclesiais de Base) que tinha como fundamento a teologia da libertação. Essa teologia defendia os direitos e denunciava os abusos cometidos contra os menos favorecidos.

⁸ Paulo Freire foi exilado no Chile.

peessoas. Seu crime: ter criado um método de alfabetização com palavras que faziam as pessoas refletirem e, por isso, não era bem aceito pelo governo em vigência.

Paulo Freire iniciou seu trabalho de educador partindo da realidade dos adultos analfabetos absolutos ou funcionais, cuja a história de vida, a ocupação social e os interesses pessoais tornaram-se elementos metodológicos de busca e ampliação de conhecimentos.

Passado o período da ditadura militar, Paulo Freire retornou ao Brasil, sua obra se expande por todos os espaços de discussão sobre educação e o viés de educação que ele discutia ainda provoca inúmeros debates e considerações pertinentes sobre alfabetização, conscientização e libertação.

Freire abre um caminho para um tipo de educação diferente da formal que se tornou conhecida como educação popular.

Dentre os autores contemporâneos que se dispõem a discutir educação, Afonso (1989, p.81) faz uma distinção entre educação formal, educação não-formal e educação informal, segundo o autor,

(...) por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por ultimo, a educação não formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, da escola) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.

O aspecto da educação não formal que nos interessa é o que se caracteriza por ser diferenciado, de trabalhar com a educação em paralelo à escola e concentrar-se em práticas educativas que exploram todas as formas de expressão de nossa cultura, seja corporal, artística, teatral, imagética e envolver-se com conhecimentos transversais como meio ambiente, saúde, autonomia, solidariedade

e ciências naturais. Diante dessa multiplicidade de práticas e de conteúdos, os educadores encontram com facilidade outras formas de reelaboração dos saberes de uso social com seus educandos. O trabalho tem como base a valorização e a auto-estima. Esses dois valores, passam a ser encarados como possíveis dimensões para os espaços de comunicação, criando elos de confiança para a explicitação de sentimentos, emoção, desejos e angústias.

A escolha de trabalhar com educação não formal perpassa minha convicção de que essa prática atende a muitas necessidades da sociedade contemporânea.

Participante de vários processos de educação não formal acredito que a abertura em explorar várias formas de expressão faz o conhecimento ser construído numa via de mão dupla, ou seja, o educador ou a situação pode precisar trabalhar uma linguagem específica, pode faltar material e inclusive habilidade, mas o impasse faz com que ambos se dediquem ao estudo daquela linguagem e, principalmente faz com que educando seja também educador naquele momento.

O educador que se propõe a trabalhar em espaços de educação não formal também avança para a própria educação, uma vez que estar aberto ao trabalho em múltiplas linguagens é critério básico: a educação do seu corpo, sua expressão verbal, sua saúde, suas ações de autonomia e sua capacidade de decisão entre tantas outras coisas sofre transformações, pois nenhum saber está desligado do outro; afinal, quando educamos nosso olhar, por exemplo, todo o nosso ser também foi educado com ele.

Durante os anos que atuei nessa área, pude verificar que os vínculos afetivos que se constituíam pelas relações de convivência e confiança eram tão fortes e importantes quanto as questões metodológicas da educação não formal.

Esse fato é, para mim, muito importante, porque até na dúvida ou no erro não são julgadas as pessoas e sim, suas atitudes, fazendo com que haja um afrouxamento na aspereza das relações, surgindo a “boniteza”, como disse Paulo Freire, da estabilidade afetiva com a intelectual.

Como exemplo de tal situação, trazemos aqui a entrevista feita com uma das educadoras do grupo de educação não formal da zona rural de Londrina.

Maria⁹ é moradora da região há muitos anos e diz que se aproximou da educação não formal como aluna para aprender coisas úteis para a vida. Ela diz:

“O educador queria que a gente aprendesse para poder ensinar as crianças. Quando minha mãe morreu, eu fiquei muito deprimida, aí eu resolvi entrar no grupo para poder me distrair. Eu fui aluna durante mais de um ano. As aulas eram à noite. Eu tive dificuldade de aprender algumas coisas, mas eu aprendi o que ele queria ensinar, porque as pessoas do grupo eram muito ansiosas, queriam aprender assim de uma vez, as coisas não são assim né... eu ainda fiquei com um grupo mais tempo”

Essa educadora, Maria, trabalha há dois anos e afirma que o grupo em que está atuando é bem participativo e aqueles que se evadem é porque se mudam de região.

Sua dedicação é explícita, ela diz:;

⁹ O nome dado à educadora é fictício.

“Eu gosto de trabalhar com eles, eu gosto de ensinar tudo o que eu sei pra eles. A gente ensina e aprende né, nossa às vezes eu fico contando as horas de encontrar com eles, às vezes a gente fica brava, né... às vezes a gente dá risada.. e eles recebem nossa presença com prazer, porque alguns já disseram que aqui é uma terapia pra eles. Eles gostam de vir, a mãe não obriga. Chega aqui às vezes um fica bravo com o outro, mas logo resolve, eles querem ficar juntos. Eles gostam de ficar comunicando um com o outro, eles vão até em casa pra me procurar, acho que esse espaço aqui faz bem pra eles, ajuda muito... teve até caso de uns meninos que lá fora estavam inimigos, aqui dentro fizeram amizade, se abraçaram.”

E Maria conclui:

“Sabe, eu não posso falar que eu sei fazer tudo, só que o que eu sei eu passo para os outros, por isso é que eu vou estudar, pra passar pra eles (crianças), eu acho que o que eles aprendem aqui eles levam pra casa e aí pra família que vão construir, né... as crianças têm também pressa pra fazer as coisas, eu ensino que têm que ter calma, paciência, por que esse foi o caminho que eu também tive que fazer, ter calma, paciência e perseverança... tem que ser né... às vezes eu fico

preocupada que não estou conseguindo fazer uma coisa, aí eu paro, descanso a mente... e depois retomo.”

A educação não formal permite uma aproximação desse tipo de educador. Aquele que está disposto a ser mais do que uma figura social com hora para começar e terminar seu papel.

Acredito que a educação não formal é um espaço arrojado em que se busca um ser humano aberto para que a partir de sua auto reflexão se complete, que pense também em seu papel na organização geral de sua família, comunidade e sociedade.

A educação visual e estética dentro desse enfoque é de suma importância haja vista que as experiências e os conhecimentos afins da área de artes são os que mais contribuem para configurar as representações simbólicas portadoras de valores dominantes e é por esses meios que os grupos detentores de poder fixam e perpetuam sua visão e valores de realidade, certeza e verdade.

A flexibilidade na forma de abordar conteúdos permitida na educação não formal, o engajamento dos educadores e a certeza de contribuir significativamente para a vida de seus alunos são lições de que a escola formal poderia também fazer uso e atribuir seu real valor no processo de ensino-aprendizagem.

2. A ESTÉTICA NO COTIDIANO EDUCACIONAL

Neste capítulo trazemos um breve panorama do percurso da pesquisa feita e do público pesquisado. Trataremos também da questão do uso da fotografia e a razão de sua utilização neste projeto. Embora, nosso enfoque seja fortemente demarcado pelo viés documental, isto é, os adolescentes, como resposta à solicitação da pesquisa, documentaram um espaço do seu cotidiano, esta imagem é intencionalmente construída, de certo modo inventado, tendo em vista um sentido estético. Veremos também uma fotografia de cada adolescente, acompanhadas de comentários extraídos das entrevistas que aparecem integralmente em anexo.

Como já informamos nas páginas anteriores, esta pesquisa foi realizada com dois grupos de estudantes, sendo: adolescentes que freqüentam a escola formal e, no contra-turno escolar participam de um grupo de educação não formal da zona Urbana de Londrina (zona norte) e zona rural de Londrina (extremo sul). Ao todo deveriam ser cerca de vinte pessoas, entre crianças e adolescentes, divididos em numero de dez em cada grupo. Além da fala de uma educadora que contribuirá para a explicitação dos fundamentos da educação não formal. A ela não coube escolher, fotografar e falar sobre o que considera belo, e sim sobre sua prática educacional tão imbricada com a própria vida.

A proposta de trabalho foi apresentada a todo o grupo esperando que eles se manifestassem interessados, porém, eu não poderia oferecer mais do que dez máquinas compactas descartáveis para cada grupo, o que limitou o numero de participantes àqueles que apresentaram interesse primeiramente. Para meu espanto,

a metade do grupo urbano intimidou-se diante da máquina, alguns apresentaram desinteresse e outros sugeriram um certo receio em utilizá-la.

No grupo rural, a adesão foi muito boa. Da mesma forma, havia apenas dez máquinas fotográficas descartáveis. O grupo apresentou-se rapidamente e seus olhos curiosos brilharam. Houve, após o início dos trabalhos, um adolescente que me procurou pedindo também para participar. Disse que havia conversado com um participante e ficou muito interessado em fazer suas imagens também. Não me opus. Então, ao todo ficaram dezessete pessoas, sendo: cinco da zona urbana, onze da zona rural e uma educadora.

Trabalhei da seguinte forma: primeiro estabeleci contato com eles, apresentando a proposta de trabalho. Com o primeiro grupo, na zona urbana, minha aproximação foi muito tranqüila, pois eu participava do projeto de educação não formal com eles como assessora pedagógica. Não tinha contato diário com o grupo, mas levar uma proposta de trabalho diferente não o tumultuou.

Na zona rural, a aproximação foi mais lenta, porém nem tanto. Cheguei ao grupo como pesquisadora e com ele não estabeleci vínculos formais como no grupo anterior. Eles não me conheciam, ou me conheciam apenas de vista, pois eu desenvolvia outro trabalho com outras pessoas naquela mesma região.

Com ambos os grupos, estabeleci discussões preliminares sobre o belo e a beleza que eles poderiam encontrar no dia-a-dia. Seguimos tranqüilamente a conversa entre risos e alegria. Ambos os grupos contaram como os cães pulavam de alegria, ou como o passarinho cantava. Para eles, falar sobre beleza neste momento pareceu algo engraçado, mas quando estavam com as fotografias nas mãos pude perceber que eles queriam contar tudo, pois estavam eles próprios retratados ali. Nesse primeiro contato, falando de beleza como coisa engraçada,

percebi que eles estavam dando-se a mim, contando e abrindo sua intimidade, seu interior, seus sentimentos.

Em seguida ofereci máquinas fotográficas compactas munidas de filmes coloridos, para que pudessem capturar imagens do que consideram belo em suas casas, dentro ou fora dela. As máquinas continham 27 poses em cada uma. O flash embutido ajudou nos ambientes com menos luz.

Apresentei a eles a câmara e o funcionamento da mesma: visor, luz e, sobretudo avisei que não abrissem a máquina.

O trabalho foi direcionado: solicitei que eles fotografassem o que viam de belo em seus lares, no seu dia a dia. Expliquei que não se trata de uma beleza vaga inalcançável, mas da beleza encontrada no cotidiano. A tarefa era escolher, enquadrar e fotografar.

O encontro seguinte foi uma entrevista com eles e com uma educadora¹⁰, procurando discutir o conceito de beleza e a sua construção no dia a dia. Alguns adolescentes já tinham suas fotos em mãos, outros as apresentaram uma semana depois. De posse desse material, imagens e relatos, é que procuramos identificar a relação estética e beleza para esses adolescentes e seu valor educativo humanizador no espaço educacional.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, optamos pelo “estudo de caso”, pois aponta para o espaço real da sociedade, portanto, mais aberto e menos controlável. Nessa posição, o investigador está pessoalmente implicado ao nível de um estudo aprofundado de casos particulares. Ele aborda o seu campo de investigação a partir do interior. O estudo de caso toma por objeto um fenômeno contemporâneo situado no contexto da vida real. As fronteiras entre o fenômeno

estudado e o contexto não estão nitidamente demarcadas e por fim, o investigador utiliza fontes múltiplas de dados. Podemos encontrar essa prática em muitos pesquisadores. Para demonstrar, citamos Malinowsky que desenvolveu uma pesquisa de estudo de caso com os Argonautas do Pacífico Ocidental, onde ele utilizou a observação, entrevistas e relatos da história oral do grupo estudado para confirmar suas hipóteses, ou seja, o pesquisador fez usos de fontes múltiplas de dados.

Para a coleta dos dados, no aspecto do levantamento de imagens, utilizamos a etnofotografia porque ela mostra-se norteadora por seus procedimentos que constituem o raciocínio sociológico prático, preocupando-se em conhecer como as pessoas percebem e interpretam o mundo, bem como constroem ações cotidianas buscando sempre a apreensão e compreensão da vida social como ela é.

A etnometodologia é a teoria que proporciona ao investigador a busca empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e, ao mesmo tempo construir suas ações cotidianas: comunicar, tomar decisões, raciocinar (COULLON, 1995). Cada adolescente recebeu uma máquina fotográfica munida de filme colorido para materializar a resposta do problema em questão: “o que é beleza para você?”.

Assim, optamos por trabalhar com as seguintes categorias: “o que converge” e “o que diverge” entre os grupos estudados, pois as categorias são empregadas para estabelecer classificações. Esse procedimento, de modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa. As categorias podem ser estabelecidas antes do trabalho de campo, na fase exploratória ou a partir da coleta de dados. Nesta pesquisa, optamos por classificar e analisar os

¹⁰ Aqui a educadora citada apenas participou cedendo uma entrevista.

dados após sua coleta. Conforme já informei, localizei dois grupos, estes fixados na zona urbana e na zona rural.

Esses dois espaços sociais diferentes, zona norte e zona rural, foram escolhidos para que pudéssemos classificar o belo de modo também diferente. Essa diferença interessa porque permite observar o ponto de divergência e convergência entre os dados coletados.

A coleta na zona urbana aconteceu em dezembro de 2004. Já na zona rural aconteceu em novembro e dezembro de 2005. Também caminhei pela região e verifiquei que aquele grupo de adolescentes mantinha a mesma estrutura educativa que o outro grupo, ou seja: freqüentava a escola pública local e participava de programas educativos não formais.

Era necessário conhecer o universo simbólico implícito no dia-a-dia dos adolescentes a fim de identificar o sentido de prazer e beleza oriundo deles, pois, acredito que a educação pode e deve conferir o avanço educativo que se tem quando nos interessamos pela opinião daqueles com quem trabalhamos. Não uma opinião vaga e remota, mas sim uma opinião, onde podemos perceber bem quão valorativas são as coisas corriqueiras do cotidiano onde vivem. Não basta estarmos munidos de qualificações profissionais exemplares ou de todas as linhas metodológicas que estão em vigência na atualidade. Precisamos também, e isso me parece muito importante, nos munir da certeza do crescimento social e emocional e do bem estar que a educação estética proporciona. Há também que se verificar que universo simbólico importa aos nossos educandos, pois podemos simplesmente caminhar contra os valores que eles têm e provocar desastrosos conflitos internos sem perceber quanto isso atrasa ou até mesmo impede um avanço significativo na sua aprendizagem.

Não se quer com isso romantizar o sentido de beleza que encontramos nos espaços educacionais, pois a arte e a estética são também críticas da cultura. É preciso, em alguns casos, utilizar saberes e valores do grupo de educandos como forma de diagnóstico e de aproximação e, no trabalho arte educativo mediá-los pela própria crítica.

Os adolescentes permaneceram com o equipamento fotográfico o tempo necessário para fotografar. A revelação e a ampliação foram feitas em procedimento automático. Posteriormente, foram os mesmos adolescentes que escolheram as imagens fotográficas que fizeram para melhor representar o belo para eles. Os envolvidos foram convidados a participar e contribuíram com relatos e descrições sobre as imagens feitas na forma de entrevista.

Cada adolescente realizou várias fotografias do mesmo objeto. Solicitei que fizessem várias fotos de ângulos diferentes com o objetivo de oferecer opção na hora da escolha. Com as imagens ampliadas, cada adolescente escolheu aquela que mais lhe agradou. Para isso, usaram muitos critérios: o objeto em questão, a composição da foto, as cores, a luz e etc.

As imagens escolhidas por eles são as que aparecem neste trabalho.

2.1 A Fotografia

A fotografia é fundamentalmente icônica. Neste caso específico, caberá ainda neste capítulo discorrer sobre os aspectos formais da fotografia e verificar os demais atributos da imagem.

Cada imagem feita pelos adolescentes, documenta seu viver cotidiano, sua condição social e até mesmo psicológico. Mas o que se descobre e o que se inventa quando se fotografa algo ou se é fotografado? Como ver tais imagens fotográficas para além do ilustrativo de discursos prontos ou anedóticos?

Sabemos que as imagens não têm o mesmo estatuto do texto escrito, mas é necessário observá-las como um valor diferente, como se fossem um interlocutor privilegiado, compartilhado no texto cultural, com suas especificidades materiais e formais e história própria. Em vários campos de pesquisa, inclusive na educação, as imagens têm sido utilizadas, na maioria das vezes, como um apoio para a comprovação de um texto escrito, e é isso que neste capítulo tentarei fazer avançar, isto é, buscar ver o que esta ou aquela imagem está apta a nos dizer.

Para Fabris (1998, p. 11), a história das imagens de consumo surgidas antes da fotografia, deu-se em três momentos distintos: a idade da madeira (século XIII), idade do metal (século XV) e idade da pedra (século XIX), obedecendo respectivamente às técnicas de xilogravura, água forte e litografia.

O século XIX é marcado pela necessidade de ampliação da linguagem visual, uma vez que a maioria da população não era alfabetizada. Assim, a litografia foi amplamente difundida, pois sua reprodutibilidade era mais rápida, a xilogravura e

a água forte apresentavam além da reprodutibilidade técnica, a rapidez na execução e os preços módicos.

A câmara escura foi um fator que muito contribuiu para a invenção da fotografia. No século XIV já se aconselhava o uso da câmara escura como auxílio ao desenho e à pintura. Esta câmara era um quarto estanque à luz, com um orifício de um lado e a parede à sua frente pintada de branco. Quando um objeto era posto diante do orifício, do lado de fora do compartimento, a sua imagem era projetada invertida sobre a parede branca. Para aprimorar o uso dessas imagens captadas pela câmara escura, foi instalado um sistema de lentes que permitia aprimorar, ou seja, regular a entrada de luz, responsável pela nitidez da imagem. Trata-se do diafragma. Quanto mais fechado o orifício, maior era a possibilidade de focalizar o objeto a distâncias diferentes da lente.

Na idade da pedra (século XIX) a litografia foi amplamente difundida, Niépce (1765-1833¹¹) tentou obter imagens gravadas quimicamente com a câmara escura recobrimo um papel com cloreto de prata e expondo-o à luz através da câmara escura. Obstinado pela pesquisa, em 1826 recobre uma placa de estanho com betume branco da Judéia que tinha a propriedade de se endurecer quando atingido pela luz e, nas partes não afetadas, o betume era retirado com uma solução de essência de alfazema e exposto durante horas de sol dentro da câmara escura. Apesar dessa imagem não conter meios tons e não servir para a litografia, foi considerada como "a primeira fotografia permanente do mundo". Esse processo foi batizado por Niépce como Heliografia, gravura com a luz solar.

Após a morte de Niépce, Daguerre¹² descobriu que uma imagem quase invisível, latente, podia revelar com o vapor de mercúrio, reduzindo-se, assim,

¹¹ Gravador e químico francês.

¹² Daguerre continuou a pesquisa ótica iniciada por Niépce.

de horas para minutos o tempo de exposição. Em 7 de janeiro de 1839, Daguerre divulgou o seu processo e em 19 de agosto do mesmo ano a Academia de Ciências de Paris, tornou o processo acessível ao público.

Paul Virilio apud Fabris, (1998. p. 173-174) aponta o caráter híbrido da fotografia destacando três pontos importantes: o artístico, o industrial e o científico:

(...) uma herança artística, patente no uso da câmara escura, no sentido dos valores e do negativo emprestados à gravura e na influência do processo litográfico; uma lógica industrial, derivada sobretudo deste; um vetor científico, que presente no uso de lentes de telescópio ou microscópio.

Essas heranças relacionam-se de diferentes formas com o espaço social; o primeiro aponta uma restrição da fotografia a um pequeno número de pessoas das classes ricas que podiam dispor dos altos valores cobrados pelos fotógrafos. O segundo corresponde à invenção do cartão de visita fotográfico e confere à fotografia uma dimensão industrial, barateando o produto e fazendo-o chegar a mais pessoas. O terceiro momento foi o da massificação da imagem fotográfica, caracterizando-se como puramente comercial. Na tentativa de manter o espaço para a fotografia artística, vários fotógrafos investem em técnicas diversas para fugir da linearidade comercial massiva.

A fotografia disseminada foi adquirindo funções diversas na sociedade; critérios como rapidez, fidelidade e confiabilidade foram atribuídos a ela. No terreno publicitário, a fotografia começa a ser usada nas reportagens militares. “A crença em sua fidelidade é tão grande que Mathew Brady chega a afirmar: “a câmara fotográfica é o olho da história””. Apud Fabris (1998, p. 24).

Houve casos de uso da fotografia para ampliar impressões digitais a fim de identificar criminosos, como também para confirmar visões já existentes de

lugares conhecidos que habitam o inconsciente das massas e lugares pouco conhecidos ou até mesmo inéditos para fins de expansão colonialista.

Esse aspecto documental e informativo da fotografia vai cedendo espaço para o aspecto da manipulação das vontades das pessoas e dos governos, melhor dizendo: a imagem fotográfica de uma pessoa brutalmente assassinada em exposição ao público, provoca desejo de justiça e impulsiona uma maior investigação do ocorrido. Em outro caso, as expedições colonialistas ao verem imagens fotográficas de cidades ou lugarejos totalmente vazios de pessoas ajudam a decidir o rumo das novas ocupações imperialistas.

Ao registrar lugares, cidades e, principalmente, símbolos privilegiados pela imaginação, como por exemplo: Terra Santa, ruínas greco romanas, Egito, pirâmides e tantos outros ícones mundiais, os fotógrafos reafirmaram o registro mental nas massas coletivas que adquiriram ideologicamente estas imagens “criando arquétipos - esteriótipos que confirmariam uma visão já existente e conformariam a visão das gerações futuras” (FABRIS, 1998, p. 29). Mas a fotografia, como afirma Francesca Alinovi apud Fabris, (1998. p. 173) “baseia-se num equívoco estranho que tem a ver com sua dupla natureza de arte mecânica: o de ser um instrumento preciso e infalível como uma ciência e, ao mesmo tempo, inexato e falso como a arte”.

Isso quer dizer que toda fotografia é uma imagem construída, pensada. O olhar por trás da lente “pensa” a imagem na velocidade de um piscar de olhos. O olho que vê a fotografia pensa a imagem como observador, já que ela é fixa, por tempo indeterminado e ao saber do seu espírito.

Na educação, os usos e funções da fotografia não diferem dos acima descritos. Eles congregam as trocas industriais, científicas e artísticas, constituindo-se em elemento educativo e estético. Os livros didáticos trazem freqüentemente imagens carregadas de significados já dados e evidentes, por vezes até servindo às idéias de uma classe social e também fundamentalmente sob o aspecto documental que se quer dar. Centrada no documento escrito, a educação utiliza as imagens apenas como ilustração legitimadora da verdade imposta pelo mesmo texto escrito. Mas a fotografia como toda linguagem é percepção e construção de mundo, “a imagem age”, já dizia Haroldo de Campos.

A imagem fotográfica captura uma intencionalidade daquele olhar, a escolha do fotógrafo aponta desejos e prazeres escondidos, que só podem ser vistos onde nenhuma palavra alcança significado mais completo que a imagem. Dar a possibilidade aos adolescentes de escolherem suas imagens, proporciona um espaço sensível de interrelação, onde eles tornam-se desnudos a qualquer forma de expressão marcada demasiadamente pelo óbvio ou pela linearidade programada da linguagem verbal ou escrita. As imagens escolhidas por eles são seus espaços de vida. Encontrar beleza nesses espaços é encontrar beleza em si. O passo seguinte será talvez acreditar nela.

Na parte seguinte voltaremos nosso olhar para as fotografias trazidas pelos adolescentes, buscando ver o que elas nos trazem e o que o olhar educativo pode extrair, propor a partir delas e com elas numa pesquisa como esta que busca destacar o valor da estética na educação.

2.2 Aproximações Metodológicas

No primeiro encontro com o grupo de adolescentes da zona rural no período vespertino um certo ar de mistério se instalou naquele ambiente. Afinal, por que uma pessoa de tão longe haveria de se interessar por nós?, Eles se perguntavam. Sentamos em volta de uma mesa longa de madeira. Alguns ficaram mais distantes, outros mais próximos. Desde logo se mostravam abertos para um diálogo. Nós nos apresentamos e eu contei sobre minhas intenções de pesquisa. Quando falei em fotografar, os que estavam distantes se aproximaram. Respeitei cuidadosamente cada uma das reações. Percebi que a possibilidade de utilizar uma máquina fotográfica fez com que alguns olhos brilhassem além do esperado. Muitos deles nunca haviam pego numa máquina de “tirar foto”.

Conversamos bastante. Eles disseram onde moravam, como faziam para chegar até a escola e, o que mais gostavam de fazer no grupo de educação não formal. Foi uma tarde de conversa, aproximadamente três horas.

No segundo encontro, cheguei à zona rural já cercada de adolescentes. Eles já me esperavam no ponto de ônibus, ansiosos por saber mais e querer ter em mãos logo sua pequena maquininha de desejos. Diferente do grupo da zona urbana, onde tive poucas adesões. Isso, no entanto, não impediu ou intimidou aqueles que participaram da pesquisa.

Em ambos os grupos a entrega das maquininhas foi quase um ritual. Todos estavam em silêncio, como se ela (a máquina) fosse um prêmio concedido apenas àqueles que estivessem “bem quietinhos”. Peguei a primeira de dentro de uma grande sacola e expliquei cada detalhe importante para o bom uso do equipamento; fazer o enquadramento pelo visor, número de poses que a máquina

oferecia, cuidados para não esconder o “flash” com os dedos ao segurá-la, não fotografar contra luz e, principalmente, manter uma certa distância do objeto a ser fotografado para que ele não perdesse o foco.

Etiquetei cada máquina com o nome completo do adolescente, sua idade e meu número de telefone, caso acontecesse algo que exigisse um encontro repentino. E cada um dos adolescentes foi reconhecendo pelo tato e pelo olhar o seu equipamento, quase como se fosse um presente.

As máquinas eram descartáveis, da marca Kodak, com 27 poses coloridas. Após seu uso, de nada mais serviriam. Mas essa informação não foi impedimento nenhum para que eles insistissem em tê-las de volta quando o filme fosse tirado dela.

No terceiro encontro, os dois grupos estavam febris para ver logo as imagens feitas. Na zona urbana, um adolescente (André) trouxe escrita sua justificativa quanto às escolhas. Pedi que tivesse calma, ainda nem havia visto as fotos. Recolhi parte das máquinas para efetuar a revelação e ampliação das fotografias feitas. Esse processo não dependia de nossa urgência ou das datas marcadas dos futuros encontros; levei até à loja as máquinas descartáveis; a ampliação não demora muito tempo em ficar pronta, não fosse a correria de final de ano. Dia seguinte, abri cada um dos envelopes, passei por cada foto, imaginando o cuidado que os adolescentes tiveram, o horário do dia que escolheram ou que puderam fotografar.

O quarto e quinto encontros foram divididos em ouvir seus relatos nas entrevistas dirigidas por mim, (anexo) e suas justificativas do porquê das escolhas. Ouvi cada adolescente individualmente. Alguns se intimidaram mais com a conversa

do que com as fotos. De algumas adolescentes foi difícil até ouvir a voz. Perguntei se poderia gravar as falas e todos aceitaram.

Foi necessário, ainda, fazer um sexto encontro com um pequeno grupo da zona rural, pois este estava em maior número de participantes e ainda não havia terminado de fazer todas as imagens que julgava necessárias.

2.3 Imagens Agem: Análise dos Dados

Início o relato com o grupo residente na zona urbana de Londrina. Ele é em menor número, cinco. Na seqüência trago o relato das entrevistas dos adolescentes da zona rural.

O texto que a imagem fotográfica traz é muitas vezes considerado um estatuto de verdade, uma réplica da realidade, mas o que nos interessa nestas, é a representação que exige leitura crítica e contextualizada, como afirma Scherer (1996, p. 69)

(...) nem a fotografia como artefato, nem a interpretação de seu objeto pelo espectador, nem a compreensão da intenção do fotógrafo. Podem fornecer isoladamente um significado holístico às imagens. É olhando para os três como partes de um processo, de preferência em referência a grupos de imagens relacionadas, que se pode extrair das fotografias um significado sociocultural relevante.

Assim, a fotografia é um produto social, e como tal construído dentro de uma dada realidade na qual o pesquisador deve conhecer. Os cinco primeiros relatos tratam do grupo urbano, sua faixa de idade está entre 13 anos e 15 anos. De acordo com os autores já citados e adotando metodologia empírica vamos olhar as imagens.

Fabiana¹³, 13 anos, desejava fotografar como belo o seu quarto integralmente, mas como a máquina fotográfica não alcançou visualizar todo o espaço do quarto, fotografou os objetos separadamente, de acordo com suas afirmações:

“Tudo que está no quarto. Porque fico mais no quarto do que na sala ou cozinha. Fico lá porque é quieto, ninguém.... é quieto fica tudo em silêncio. Gosto mais da cômoda porque fico mexendo nela, abro e fecho. Lá tem roupa, brinquedo, presentes que eu ganho e guardo lá; fotos também.”

Quando interpelada a respeito do que fotografar ela disse que:

“Ficava em dúvida. Acho o meu quarto mais bonito, é porque tem mais coisas, escolhi tirar dele. Ele é mais bonito porque no sofá tem brinquedos, as bonecas, assim em cima dele tem boneca, carrinho, roupas de quando eu era pequena... fiquei em dúvida ainda. Minha avó, minha tia, minha mãe, elas falavam: tira da sala!, dos quartos!, e a outra falava: não! Não! Tira do outro móvel!, minha mãe falou que é prá eu tirar do meu quarto, minha avó falou prá eu tirar da sala, da cozinha. Tirei do quarto porque foi opinião da minha mãe, a fotografia ficou bonita, por causa da cor. Mudou, ficou diferente. Ficou mais bonito na fotografia.”

¹³ Os nomes utilizados no texto são fictícios, permitindo preservar a identidade dos adolescentes que participaram da pesquisa.



Figura 1 - A cômoda

Fonte: Fabiana

Observando a imagem da cômoda eleita pela adolescente, pode-se ver que ela está justaposta à porta de entrada do quarto apresentando características práticas e funcionais, tais como: sete (07) gavetas horizontais de tamanho mediano, uma (01) gaveta horizontal grande e, duas (02) portas verticais grandes. A cor avermelhada lembra o mogno, madeira de lei não mais utilizada para fabricação industrial de móveis.

A foto mostra outros elementos além da cômoda. Um fragmento de uma cama de solteiro coberta com uma colcha branca. Aparece a cabeceira branca no canto inferior esquerdo da imagem. Aos pés da cama, no chão, acumulam-se sacolas plásticas com roupas dentro. Ao lado, vemos um cobertor com estampas florais dobrado aguardando os dias de frio e, outros objetos sob as sacolas e cobertores que dão volume aos objetos postos em cima.

A desorganização do entorno da cômoda nos faz imaginar que a adolescente transfere, inconscientemente, para a cômoda o desejo de organização, pois ela é o único objeto do quarto com formato, cor, funcionalidade, espaço e

capacidade de organização definidos. Assim, o uso dado ao móvel teve uma valoração significativa à adolescente.

Fabiana ressaltou a beleza da cômoda que compõe seu quarto dizendo: ***“minha mãe comprou. Falava assim: vou comprar essa (cômoda) que é mais bonita, . A cômoda foi comprada há pouco tempo, dois ou três meses.”***

E ela insiste: ***“Eu mais gosto do quarto! Onde eu fico mais é no quarto e além do mais eu gosto mais dele”***

O relato de Fabiana estabelece uma relação de cuidar, de guardar, de zelar. Ela guarda na cômoda tudo o que considera importante: roupas, presentes, brinquedos e fotografias. Porém, o quarto abriga todas as suas lembranças, os brinquedos no sofá, as bonecas e as roupinhas de quando era criança. Assim ela também se sente guardada, protegida em seu espaço de convivência preferido, o espaço que gosta do silêncio revestido das memórias. Ela pôs-se frente a frente à sua cômoda escolhida, nem de cima, nem de lado, mas de frente numa posição igual para igual. Ela parece olhar, escolher e fotografar sua cômoda, seu guarda-roupa e pode falar sobre esse objeto, pode expressar-se sobre sua casa, sua situação de vida e, se a pesquisa continuasse poderia falar muito mais sobre o encontro de si.

Patrícia, 13 anos, diz que não sabia bem o que fotografar quando solicitada a fazer fotos do que considerava mais bonito em casa, e pediu ajuda à mãe.

“Minha mãe falou: tira das coisas que você mais gosta. Eu tirei do rádio. Meu pai falou: tira da televisão. Aí veio na minha cabeça a Bíblia. Eu coloquei na cama do meu irmão. Sempre quando eu era pequena,

contavam prá mim o que aconteceu. Minha mãe lia a Bíblia para mim. Aí eu comecei a ir na igreja para aprender a usar a Bíblia. Eu já aprendi, mas ainda não aprendi tudo. A Bíblia fica perto da cama da minha mãe e outra perto da minha.”

A adolescente conversa com os pais, pede sua ajuda para escolher, mas nem por isso deixa a sua escolha de lado. Diferente dos pais que indicam os meios de comunicação, rádio, televisão, ela escolhe o contar histórias, o ouvir deles a narrativa, uma faculdade que muitas vezes perdemos.



Figura 2 - Os livros paradidáticos

Fonte: Patricia

A imagem de preferência da adolescente foi dos livros paradidáticos. Vemos que a adolescente os tirou de seu lugar habitual e organizou uma mesa de exposição. Os livros foram organizados em “leque” permitindo a apreciação de todos eles ao mesmo tempo para a fotografia, foi assim que ela os quis.

O suporte que serviu de mesa foi cuidadosamente coberto com uma toalha florida. As estampas em vermelho foram as escolhidas para participar da fotografia. Toda a arrumação do ambiente foi pensada.

Patrícia diz que ganhou a Bíblia na catequese e foi lá que começou a aprender a usá-la e também contou com o apoio da mãe para aprender mais. A adolescente acabou vendo que considerava muitas coisas belas e fez fotos...

“Aí veio na minha cabeça os livros. Eu tenho que aprender mais e minha mãe comprou prá mim de um homem que passava lá na minha casa. Tem da 5º série até o 3º ano. Ai eu estudo nas férias. As informações que tem na escola, no livro também tem. Aí dá prá estudar melhor, minha mãe ajudou a tirar a foto, e o telefone que também parecia bem e do celular da minha mãe que ela liga prá falar do meu irmão, falar que vai chegar mais tarde.”

“A agenda que eu ganhei. Adorei. Escrevo tudo o que me vem na cabeça. Quando tem alguma coisa eu escrevo nela. A cama que eu gosto de pôr ursinho, nessa cama durmo eu e minha irmã. Minha mãe ficou com um pouquinho de vergonha, por causa da parede sem reforma. Não posso mentir que minha casa não é assim, então eu fotografei assim. E a bicicleta que no final de semana eu saio para andar de bicicleta com meus irmãos.”

Patrícia, sorridente, conta que não tem máquina fotográfica em casa, mas que sempre fazem fotos em comemorações e diz que as fotografias servem **“Para lembrar quando a gente esquece e para mostrar prá quem não pode ir”**.

Patrícia mantém uma relação afetiva com a beleza, é perceptível seu uso social. Porém, o que salienta em sua fala sobre os objetos fotografados é a

presença de valores sentimentais partilhados com a família. O valor dado ao telefone porque traz notícias de seu irmão; a bicicleta que usa com a família no fim de semana, a cama que divide com a irmã e por fim objetos de valor sentimental, sempre em forma de presentes: a Bíblia, os livros e a agenda. Assim a adolescente vê a beleza em seu cotidiano. Patrícia trouxe um valor de beleza ligado ao conhecimento formal. Os livros para-didáticos que ganhou da mãe. Fala sobre o estudo como algo além da obrigação ou de ascensão social. Trata o saber com prazer e nas imagens fotográficas, o que considerava belo, ela elegeu (entre outras coisas) os livros, demonstrando seu real interesse. Patrícia fez fotos da Bíblia e dos livros. Escolheu os livros para aparecerem aqui, mas não foi uma escolha fácil para ela. Isso nos faz pensar no valor de segurança e de caminho a seguir implícito nesses livros (Bíblia e livros). A Bíblia como ensinamento moral e os livros para o reconhecimento e melhoria social.

André, 15 anos, tem uma experiência diferente sobre o uso da fotografia em relação aos outros participantes desta proposta de trabalho. Seu pai trabalha como fotógrafo e isso o fez mais íntimo desse equipamento. O adolescente diz que teve dúvidas sobre o que considerava mais bonito em casa. Essa dúvida acarreta outros aspectos ligados à utilidade e ao valor, afirmando que gostaria de fotografar pessoas e diz que elas são mais importantes.

Isso nos mostra que André encara a beleza como algo importante. A fruição estética da beleza como agradável não aparece explicitamente na fala dele, porém aparece na fotografia que escolheu, o passarinho.

Quando questionado sobre o que havia fotografado ele diz:

“O cachorro, porque eu brinco direto com ele, gosto bastante. A bicicleta porque eu gosto de ficar indo à

casa da minha avó quando meu pai não pode me levar. E a tv para ver notícia, assistir novela. O passarinho e o quadro deixam a casa mais elegante.”

André diz que a bicicleta que tinha em casa há muito tempo havia pertencido à irmã falecida, mas não foi esse o principal objetivo que o motivou a fotografar a bicicleta: **“eu gosto de ficar indo na casa da minha avó quando meu pai não pode levar”**.

“O cachorro, meu pai ganhou porque o colega dele chamou ele no veterinário e deu o cachorro. Agora meu pai não dá mais ele não. Eu gosto do meu cachorro porque eu gosto de jogar bola com ele. Ele ajuda a proteger a casa, ele já matou dois gatos que foram lá comer o passarinho do meu pai”.



Figura 3 - O passarinho

Fonte: André

A gaiola do passarinho que André fotografou fica presa no alto de uma parede interna da casa. Abaixo vemos um fragmento da janela pintada de verde e, talvez, a porta de ferro e vidro também pintada de verde.

Os lugares altos das paredes são usualmente destinados para relógios de parede, crucifixos, fotos familiares ou imagens sagradas. Mas na casa de André o passarinho de estimação do pai ocupa esse lugar, o lugar de destaque da casa. Ele diz :

“Faz o maior tempo que meu pai tem, eu gosto um pouco de imitar ele, porque o canto dele é muito legal, é também muito chamativo”, [...]

“A tv já tem faz uns meses. Meu pai tá pagando ainda. Meu pai comprou do colega dele. O colega comprou, não conseguiu pagar e meu pai comprou dele. O vizinho que mora na frente. O quadro foi minha tia que deu pro meu pai, faz tempo que tem em casa. Direto eu lembro da minha tia que mora longe, lá no centro, faz tempo que eu não vou na casa dela. Quem pintou foi o namorado dela, é ele que pinta, direto ele faz uns quadros desses”.

André insiste na importância de retratar algo realmente significativo para ele e diz que escolheu esses objetos porque não havia mais nada para

fotografar, pois **“não podia escolher nem pai, nem mãe, nem irmã, nem sobrinho. Se pudesse escolheria pessoas, que é mais importante”**.

É interessante como ele valoriza os elementos da família, sua razão de ser e viver, mas o passarinho tem seu lugar. Embora preso na gaiola, precisa ser cuidado. Até o cachorro cuida dele, em sua fala André afirma: **ele ajuda a proteger a casa, ele já matou dois gatos que foram lá comer o passarinho.**

Na escolha da fotografia, André não escolheu o cão que ficava solto, escolheu o passarinho preso na gaiola. Esse passarinho que fica no alto da parede em destaque e protegido. Mas será que André não retratou o que sentia?, ou o que gostaria de viver? Sabemos que a adolescência é vivida de forma muito turbulenta, conflito de dependência e independência, efervescência de hormônio, conflito com os aspectos da infância e da juventude, falta de lugar social e etc. Essa fotografia traz um pequeno balanço da família do adolescente e sua relação com os animais de estimação e a natureza. O pássaro na gaiola está projetado acima da janela, acima do alcance das suas mãos, mas o que interessa é o seu canto, sua beleza, ela está ali, é uma forma dele, com toda adversidade vivê-lo.

Talvez nosso adolescente estivesse pedindo um grito de socorro, pedindo limite e proteção. Talvez quisesse pagar o preço da segurança sendo privado de algumas coisas, mas estar em destaque, estar ocupando um lugar de destaque, assim como o passarinho.

Henrique, 14 anos, já acumulou várias experiências de ordem pessoal, facilitando sua escolha de beleza. Ele diz:

“Eu acho que de bonito que tenho lá em casa é o meu quarto, é lá que eu fico quando estou triste, eu sempre estou por lá quando quero pensar. Eu gosto de ficar

lá porque ninguém me incomoda, eu me sinto bem com as minhas coisas. O que eu gosto mais é do meu telescópio, acho que é a coisa mais valiosa que tenho. Adoro colecionar latinhas. Desde que sou pequeno eu comecei a colecionar e nem sei por que ainda coleciono...”

“O telescópio eu ganhei da minha mãe. Foi quando eu fiquei em 23º lugar no Brasil na Olimpíada Brasileira de Astronomia. Foi uma prova que eu fiz no colégio, que eu me inscrevi e daí, estou participando desta prova nos últimos três anos. Foi fim de ano, estava um dia chuvoso, era um sábado. Daí minha mãe, ela tinha chamado meus tios para irem em casa e eu achei que era uma festinha normal de fim de semana. Aí ela me entregou o telescópio e ela ficou muito feliz. Quase todas as noites que o céu está bem estrelado, eu fico olhando para ele no meu quintal. Ensinei a minha família, sempre que eles querem ver alguma coisa, tipo, eclipse da lua. Esse ano eu consegui pelo colégio fazer um curso na UEL (Universidade Estadual de Londrina) é um curso para professor só tem eu lá de aluno”.



Figura 4 - A coleção de latinhas e a luneta

Fonte: Henrique

Ele pede à mãe para fotografá-lo e faz a fotografia invertendo o propósito, pois ele não tira a fotografia propriamente, faz uma imagem de si o que de alguma forma todos fazem, e o que o projeto busca no final, através da fotografia e da tarefa de encontrar algo de belo em casa é ir ao encontro de si.

A fotografia que Henrique trouxe mostra parte da coleção de latinhas, pois há uma porta marrom em estado de uso, certamente a porta do quarto, na frente dela. A coleção de latinhas fica organizada na parede do quarto em cinco fileiras de aproximadamente 14 latas diferentes em cada fileira. Esse cantinho do quarto fotografado parece o mais freqüentado, comporta uma mesa de estudos, a coleção de latinhas e a luneta dada pela mãe.

Henrique afirma que **“as coisas que mais gosto são as que eu mais acho bonitas”**. Para ele, os objetos em si não têm valor de beleza, mas a relação que ele estabeleceu com os objetos é que compreende o belo. Nesse caso, sua luneta, símbolo de uma conquista escolar hoje significa reconhecimento e o faz educador dos astros. Para Henrique, assim como para Patrícia, a formação escolar foi escolhida como referência de beleza, a educação estética é baseada nos sentimentos, mas como afirma Duarte Jr (1988, p.110) “as emoções não são objetos, como sentimentos não podem ser quantificáveis. Por exprimir fundamentalmente uma maneira de ser em relação ao mundo, emoções e sentimentos deixaram de ser significativos”, talvez por não reconhecer muito bem

onde poderia se encaixar esse “sentimento” descrito por Duarte, é que Henrique e Patrícia apresentam como bela a relação escola e saber.

Carina, 14 anos, diz que considera muito bonita a jabuticabeira que tem no quintal de casa, mas não soube dizer por quê. Ela relata que considera belos os objetos ligados a valores simbólicos, como a Bíblia e imagens de santos.

A Bíblia aberta que Carina fotografou está posta sobre um arranjo decorativo feito de barbante, uma “toalhinha” que possivelmente foi feita à mão e escolhida como a mais bonita, por isso, a mais apropriada para depositar a “sagrada escritura”. Este sim, a Bíblia é o objeto eleito pela adolescente como sendo o de maior beleza.

Nota-se que há entre as páginas abertas da Bíblia um instrumento religioso de guia das orações. O “terço” ou “rosário” presente sobre a Bíblia, neste caso, é colorido e privilegia o aparecimento de sua parte que contém uma pequena cruz, símbolo do cristianismo.

“Eu tirei a foto da Bíblia, da Santa Luzia e do quadro de Nossa Senhora Aparecida, escolhi como belo a Bíblia porque é a palavra de Deus e a imagem de Nossa Senhora Aparecida por causa da presença dela”.

“A Bíblia é da minha vó que tem 89 anos, mãe do meu pai. Foi assim, a Nilce uma catequista, na missa do Dia das Mães de 2003 ela perguntou qual era a mãe mais idosa e aí era a minha vó, que ganhou a Bíblia. É importante a gente ler a Bíblia e saber a História de Deus e lendo ela sabendo a realidade. A mensagem que veio com a Bíblia quando minha avó ganhou foi esta: “O Criador

imaginou alguém especial e essa pessoa foi você.” Feliz Dia das Mães 2003. Mãe mais idosa.”

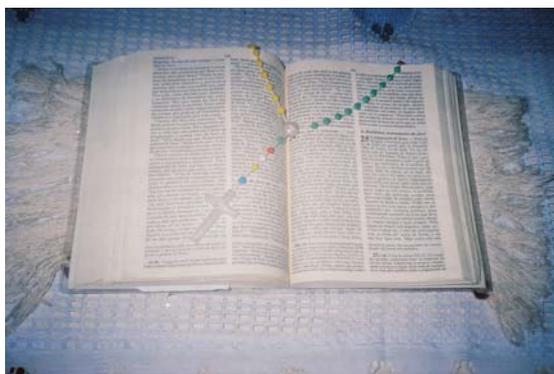


Figura 5 - A Bíblia

Fonte: Carina

Ela fotografou de cima, procurou o melhor ângulo. Como mostrar a Bíblia senão aberta? E mesmo assim, a foto mostra a Bíblia? Muitas vezes a preocupação com os significados não deixa os adolescentes dizerem o que realmente acham bonito e poderiam fotografar sem nenhum interesse “a priori”.

A beleza para Carina está ligada à importância delegada ao objeto; nesse caso, parece clara a relação íntima de fé estabelecida por ela e sua família, talvez, por isso, não tenha conseguido expressar por que considera bonito o pé de jabuticaba. Numa relação mais transcendente, a jabuticabeira também é obra do Criador, porém, não traz uma mensagem tão clara e objetiva como a Bíblia, e isso fez a diferença na hora de eleger o que considerava mais bonito. Fica expresso o sentimento religioso, os valores transcendentes como moral, ética e religião.

A Bíblia carrega mensagens explícitas e isso facilita a escolha do caminho onde andar, ainda mais quando se vive numa família que está inserida nesse contexto. Para Carina não foi difícil a escolha.

Os próximos relatos são referentes ao grupo rural. Este grupo é maior e comporta idades entre 11 a 16 anos.

João tem 12 anos e fotografou como belo a casa, e diz

“Eu gosto da casa, dos pilares. Eu gosto também das árvores e do sol, a natureza.... Eu fotografei os cachorros por que eles são companheiros, também por que ele é meu, eu ganhei de presente, ele é um cachorro comprado.”

O adolescente fez muitas fotos de sua casa, de vários ângulos e em vários horários. Ele escolheu a foto em que as árvores aparecem ao fundo da casa quando o sol já está se pondo. A casa de madeira, com janelas basculantes, acabamento do mesmo material mostra uma casa sem muito luxo, porém uma casa bastante confortável.

O pôr do sol e a natureza também compõem a imagem escolhida por João. Observamos que o horário por volta das 18 horas foi o escolhido por ele. A luz que incide sobre as coisas durante essa transição da tarde para a noite é a luz escolhida por muitos fotógrafos profissionais. Ela permite uma sombra acentuada sobre os objetos e uma incidência de cor bastante expressiva, quando é o caso.

João afirma que a foto tirada da natureza ficou boa e que gosta de fotografias porque **“é uma coisa que você tira e você guarda de recordação”**.



Figura 6 - A casa

Fonte: João

Ele abordou a beleza em vários aspectos: a casa como utilidade e como significação de proteção, acolhida. Quando ele ressalta os pilares de sustentação da varanda, ele vê neles a segurança que a arquitetura dá e afirma que além da casa também pensa na natureza como suporte para a própria vida.

“eu fotografei a natureza por que sem ela a gente não vive, eu gosto de brincar nas árvores, é o lugar que mais gosto de brincar, correr...eu prefiro brincar no meio da natureza do que ficar vendo tevê.”

Ele fez a fotografia da vista que tem da varanda de casa. O pequeno paiol obstrui a paisagem que ele realmente aponta como bela, mas para ele não há segredos em fotografar, mesmo que não tenha conseguido mostrar somente a paisagem que o interessava, João, com seu jeito simples e cheio de vida diz: **“eu achei um pouco fácil fazer as fotografias, é bem legal.”**

João retratou o que seu olhar alcança. Ele se projetou para frente e para fora de casa e mais que isso, ele se colocou em sintonia com o mundo natural, embora não tenha conseguido uma foto apenas da natureza. A interferência do paiol na frente da imagem escolhida não o angustiou. Ele simplesmente sabe que a natureza está lá, na fotografia não apareceu, mas está lá e isso basta. Ele sai de casa para vê-la e espontaneamente expressa uma das características mais recorrentes da fotografia “fotografar para recordar, lembrar, não esquecer. A fotografia da casa também representa a proteção da família, local de convivência e segurança. Todos querem uma casa para seu abrigo.

Ângela tem 14 anos e optou em fotografar como belo as flores e o cachorro, e diz que gosta de fotografar, porque **“fotografia é bonito”**.

“Eu achei a foto das flores a mais bonita. Acho que na foto ficou mais bonita, eu gosto dela assim vistosa. Eu tenho bastantes flores em casa, mas o que eu mais gosto foram essas”.

Ângela considera belo o girassol artificial, aquela flor que está ali apenas pare ser vista, sem provocar nenhum tipo de trabalho, zelo ou sujeira.



Figura 7 - O girassol artificial

Fonte: Angela

A flor está dentro de casa. Essa ação de fotografar dentro de casa não é comum no espaço rural. Na foto feita, a flor está sobre um móvel e fora do centro dele e as linhas em perspectiva são diagonais. Não há o horizonte do chão, tudo parece flutuar na foto. Embora ela fale da flor, a fotografia é mais do ambiente, uma sala meio tombada, sem lugar estável.

A adolescente, com seu depoimento, aponta características que de certa forma encontramos na foto, mas ampliando-a consideravelmente ao apontar que a flor não dá trabalho, parece que abre mão de uma conquista vital: a beleza dá trabalho, o trabalho de cuidar, de tratar, de ver, de acompanhar, de sofrer as ações do tempo. Ela própria precisa de muitos cuidados e parece que não tem mais esperança.

Essa adolescente bastante tímida, com dificuldades até de falar, acredita pelo o seu girassol artificial depositado cuidadosamente sobre um móvel da mãe e diz: **“não acho bonito o guarda comida, só a flor”**. Ela, semelhante

aos adolescentes urbanos buscou segurança na sua referência de beleza, diferente de outros adolescentes da zona rural que se entregaram ao espaço aberto e pouco material, pouco palpável do que consideravam belo.

O girassol artificial não precisa de sol ou água. Em contrapartida, é “só bonito”, ou seja, perpassa o espaço da beleza por ela mesma, sem exigir interferência. A flor dá um toque diferente à casa mesmo sendo artificial. Embeleza e dá alegria na casa.

Luciana, 11 anos, diz:

“Eu gostei mais da flor, mas eu fiz também da samambaia, eu gosto dessa flor (antúrio), por que o miolo dela é vermelho, eu fotografei os peixinhos por que eu gostei deles. Eu fiz também a foto da foto do meu pai, quando ele estava no quartel, ele me contou as histórias de lá. Eu gosto de flores, quase fiz fotos só de flor, eu acho a flor antúrio bem mais bonita. A cor ficou mais bonita, na foto também”.

Luciana, também fotografou o peixe e diz **“gosto do vermelho dele.”** Na verdade Luciana, aponta sempre para a cor das coisas, ela diz que acha o vermelho do antúrio bonito e agora, novamente o vermelho da coloração do pequeno peixe que vive no aquário.



Figura 8 - O antúrio

Fonte: Luciana

Ela focaliza bem o que quer fotografar. As flores são vistas de perto, as folhas bem visíveis com um fundo limpo. A flor eleita por Luciana está na varanda do lado de fora da casa. A planta foi alojada num canto da parede, talvez por estar com um porte grande. O que interessa é que a adolescente pensa na composição geral da fotografia. Ela aponta a questão da cor e diz que o que se destaca é a excentricidade da flor vermelha com seu miolo saltado.

Ela também diz: **“Eu gosto de flores, quase fiz fotos só de flor”**. As flores são frágeis, mas para chegarem a florescer precisam vencer as intempéries do clima, passar pelos excessos do sol ou de chuva. É isso que as faz belas. Suas marcas de esforço surgem nas imperfeições e variações da espécie, diferente daquelas plantas cultivadas em estufas que não precisam de esforço

algum, que não buscam por si só os nutrientes necessários do solo para sobreviver e de tão “perfeitas” parecem artificiais. Várias vezes ouvimos a frase: “parece de plástico” e isso modifica a beleza da flor.

Luciana escolheu a flor natural. Embora plantada em vaso, ela mantém suas características naturais. A adolescente pode estar se vendo assim também, como beleza natural, sofrida pelo cotidiano posto, mas com uma essência individual, com um núcleo, este representado pelo miolo da flor, como sua própria beleza.

Como outras meninas que fotografaram flores, esta se encontra pouco envolvida e não percebe a sensualidade e o erotismo formal e mesmo biológico da flor. O cuidado da fotografia faz pensar que ela elaborou bem seu enquadramento. Ocupou-se da linguagem fotográfica. Nesse contexto poderíamos dizer que ela saiu de si, adentrou-se à técnica fotográfica, para encontrar-se consigo mesma.

Lucia, 12 anos, diz que pensou logo no quarto, porque é o lugar onde mais fica, e, por isso é também o lugar do qual mais cuida.

“Eu escolhi este cantinho porque tem o porta-retrato e o computador. Eu gosto da penteadeira, assim cheia de coisas, era mais ou menos assim que eu queria a foto, eu gosto dela assim, cheia de coisas e cores... assim meio bagunçado.. já o cachorro eu fotografei, porque ele é meu animalzinho, e companheiro, legal...”



Figura 9 - As flores de plástico

Fonte: Lucia

O objeto desta fotografia, também como de outras existentes neste trabalho, pertence a um grupo bastante recorrente na história da arte: a natureza morta. Trata-se da pintura ou fotografia que tem por tema o arranjo de objetos do cotidiano arrumados em um espaço, geralmente sobre uma mesa. Ela fotografa esses objetos mas também o porta-retratos, como avisa em seu discurso. Promove assim uma espécie de metalinguagem, onde a fotografia vê o lugar dela na mesa. A imagem de si vai para a parede ou para a mesa e é um objeto tão digno como qualquer outro da casa. Não é um intruso, mas um elemento participante, uma espécie de espelho onde as camadas dos dias vão construindo o passado e a própria imagem referente chama a atenção do fotografado para o presente como se dissesse: “você está aqui”, “você era assim, como está você hoje?”.

E a adolescente afirma:

“As flores são de plástico. Eu ganhei de presente de aniversário. Eu acho mais bonito também é a cor. Eu coloquei o peixinho junto só pra ficar bonito, porque o lugar dele é na penteadeira.”

Lúcia também escolheu as flores artificiais, porém não somente por que são flores artificiais, mas também por serem presentes de aniversário. O arranjo com areia colorida que enfeita um dos vasos também é destacado na fala dela, a cor como elemento estético, apenas cor, mas não qualquer cor.

O recorte que ela escolheu da fotografia também chama a atenção. Ela privilegia o piso de cerâmica marrom que dá o contraste dos vasos que sustentam as flores, mas não dá a mesma atenção às flores propriamente ditas, haja vista que o foco da imagem não recai sobre elas.

Os vasos que comportam, sustentam e guardam as flores estão no centro da imagem. O mais interessante é que os vasos foram trocados de lugar para fazer a fotografia, ou seja, eles permitem mobilidade. E assim Lúcia reconheceu seu valor de beleza na cor, no objeto, na mobilidade e na memória afetiva daquilo que foi primeiro um presente.

Para ela, na casa, o lugar predileto é o quarto, é o seu “habitat”, lugar onde tem os seus pertences, aquilo que vai usufruir em sua vida.

Beatriz 13 anos.

“Eu fiz a primeira foto do pinheiro, fiz de cima, porque eu gosto do verde. Eu gosto de coisa verde, de árvore de flor.... O cachorro é meu. Ele tava morrendo de fome aí eu comecei a dar comida pra ele aí ele ficou. Eu

acho o “Duque” tão fofinho! Ele tá sempre comigo, mas às vezes ele atrapalha. Eu nunca tinha fotografado. Eu adoro foto, porque quando a gente vê uma foto tem uma lembrança, fica lembrando. Quando tem saudade vai ver a foto e aí mata a saudade, é uma lembrança. Os peixinhos ficam na sala, mas eu tirei deles no quintal porque a sala é muito escura, aí não é um ambiente legal, assim fica mais bonito.”

Beatriz quis dar destaque aos potes que contêm o peixe, e não ao ambiente da sala onde ela diz que é escuro.

“Todos os peixes são meus. Eles ficam nesses potes mesmo. Eu acho que o ambiente que eu coloquei eles ficou bem legal. Eu achei as fotos bem lindas, mais as dos peixinhos. A foto deles ficou mais bonita porque , na verdade, eles estão no meio da natureza...”

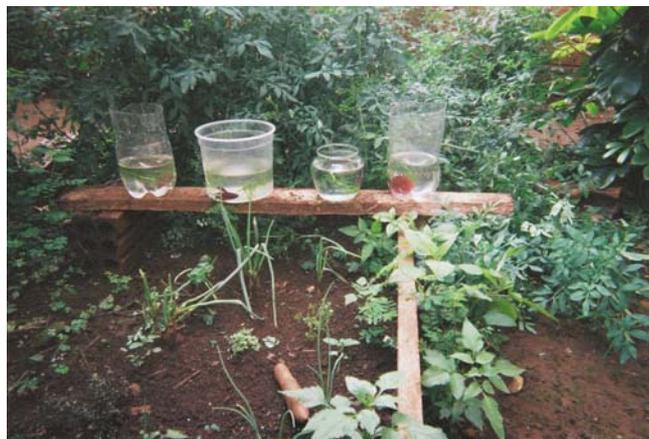


Figura 10 - Os peixes

Fonte: Beatriz

Beatriz busca entender o universo da fotografia, por isso se liga aos cuidados técnicos como a luz e, com o enquadramento, os objetos encontram-se centralizados e as linhas do “girau” que suporta o aquário fazem eco ou acompanham as margens da foto, mostrando um grande equilíbrio. Além disso, ela diz: **“eu nunca tinha fotografado, eu adoro foto porque quando a gente vê uma foto tem uma lembrança, fica lembrando quando tem saudade”**.

Olhando para a fotografia de Beatriz vemos quatro potes de plástico adaptados como aquários. Cada um deles contém um pequeno peixe colorido. Eles estão separados porque são do tipo “betha” e não convivem bem juntos. O entorno dos aquários mostra o jardim da casa com plantas crescendo sem controle paisagístico, em total liberdade, permitindo até mesmo plantas diversas como o capim e hortaliças como a cebolinha.

Os aquários estão postos sobre um suporte de madeira calçado de um lado por um tijolo e do outro por outra madeira.

Beatriz se remete à natureza quando pensa na beleza, o natural é o peixe solto em seu “habitat”. Nesse caso ela remete o peixe ao seu ambiente natural para fotografá-lo como belo. Ela diz: **“a sala é muito escura, aí não é um ambiente legal”**.

A pertinente preocupação de Beatriz leva-me a pensar na possível facilidade que ela mesma tem de transitar pelos diversos universos de que participa. Ela como adolescente com seu grupo de amigos ou em casa com a família, desenvolvendo atividades domésticas ou em encontros para trabalhos escolares, me parece que não se preocupa ou sofre com as diversas facetas da vida social onde ora tudo é permitido e ora tudo é negado nesse período de transição que é a adolescência.

Há uma preocupação dela com o meio ambiente, com a natureza, com os peixes. Nesse ambiente está vivendo o ser humano, que além de usufruir dele, precisa preservá-lo.

Jaqueline, 9 anos, diz que fotografou os animais de casa, o gato, o cachorro e os porcos. Ela diz::

“Eu acho os porquinhos mais bonitos, a foto deles todos juntos ficou mais legal, é aí mesmo que eles moram. Eu acho eles mais bonitos, por causa do jeitinho deles, porque eles são pequeninhos ainda, são bonitinhos eles são carinhosos assim... uns com os outros, todos juntos são mais bonitos....”

E completa:

“Eu gostei da fotografia, mas eles são mais bonitos ao vivo. Dos cachorros que fotografei, eu acho mais bonito a pose deles. Eles param assim por conta... (gesticula esticando o corpo e o pescoço) eu acho os animais mais bonitos do que as plantas, por que eles são diferentes, se eu tivesse que fotografar de novo, eu faria tudo igual....Essa foto do porquinho pequeninho e da terra em volta dele bem grande, eu achei bem bonita porque eu também gosto da terra, acho ela bonita, a cor dela....”



Figura 11 - Os porquinhos

Fonte: Jaqueline

Na fotografia acima, Jaqueline distancia-se dos porquinhos para deixar aparecer a terra em volta deles. Nesse afastar-se, ela também retrata uma pessoa agachada, um pedaço de terra gramado, uma parede do chiqueiro dos porcos e o vinco na terra feito pela ação da água que corre por ali servindo de apoio aos animais na hora da sede. Todo esse conjunto importa para ela, parece nesta fotografia que Jaqueline olha o porquinho que escarafuncha na terra e todo o seu entorno como uma coisa só, ou seja, ela não separa, não classifica o que é belo para ela ali, simplesmente entende que aquilo tudo (porquinho –do reino animal-, grama – do reino vegetal -, chiqueiro – ferramenta construída pelo homem) são todos elementos de um mesmo mundo, o mundo de que ela participa. Há um lado muito afetivo para ela em relação aos animais.

Ela afirma que acha os porquinhos mais bonitos. Acentua sua resposta em relação à maneira como se relacionam dizendo: **“por causa do jeitinho deles, porque eles são pequenininhos ainda, são bonitinhos eles são carinhosos assim... uns com os outros, todos juntos são mais bonitos..”**.

O que realmente pode ser belo aí? A harmonia da relação que um animalzinho estabelece com o outro e que todos estabelecem com a terra propriamente dita, fica evidente na fala da adolescente, mas pode-se pensar também na beleza do trabalho, para ela, que cuida da alimentação da criação é um prazer trabalhar porque enquanto trabalha vive momentos de apreciação de uma comunidade que é carinhosa onde todos juntos são mais bonitos e não separados.

Pela forma de proceder, percebe-se a diferença do olhar de Jaqueline que vive no meio rural, em relação àqueles que vivem na zona urbana. Ela sente muito mais a natureza, o espaço físico, os animais, as plantas e a ela própria. Seu espaço é amplo, sente e usufrui daquilo que a natureza oferece. Não fica enclausurada dentro de um apartamento ou casa na cidade. Nota-se que o belo para ela é também a liberdade que ela tem de apreciar essa natureza bem concreta.

Maylane, 12 anos.

“Eu fotografei de bonito em casa o meu cachorro branco, o Pitico que é o preto e as plantas. Eu fiz a foto do Pitico quando ele tinha acabado de tomar banho, porque eu acho ele muito fofinho...

Depois eu fotografei a cozinha. Os armários são os mais bonitos. Acho que eu gosto deles porque são novos, porque eles são brancos, ficou legal na casa....



Figura 12 - As flores

Fonte: Maylane

Maylane escolheu a fotografia dos vasos de plantas. Eles são em aproximadamente quinze, como mostra a imagem acima. Todas as plantas foram plantadas em vasos improvisados, latas de tinta e galões de produtos de uso na lavoura. Essas embalagens que após o término de seu produto ficam por vezes amontoadas nos quintais esperando uma segunda utilidade, na casa dessa adolescente eles já têm destino certo, as flores.

Há algo de curioso nessa fotografia, seu ângulo foi escolhido a partir de fora da casa, de longe dela. A mesma imagem poderia ter sido feita de dentro da varanda, onde a luz é mais homogênea e os vasos pendurados apareceriam de frente, mas não, a escolha do recorte fotográfico feito por Maylane a fez virar-se para a própria casa, para seu interior. E ela diz:

“As plantas é meu pai que cuida, elas são bem verdes, eu gosto da samambaia, mas eu prefiro as que têm flores, porque eu acho que são mais bonitas, porque são delicadas.”

O pai cuida das plantas. O papel do cuidador aqui é da figura paterna aquele que zela para as plantas permanecerem verdes e gerarem flores, algo de sensível permeia essa atitude. Naquele sítio, são aos homens delegadas algumas das tarefas públicas, por exemplo: cuidar do sustento da casa, manter as obrigações financeiras em dia e etc. A adolescente escolheu justamente as plantas de que o pai cuida. Podemos notar aí uma possível projeção de identidade na figura paterna. Nesta figura que assume de um lado “a rédea da casa” e de outro uma postura sensível diante da vida cotidiana. Maylane afirma que gosta de fotografia porque **“é uma coisa que a gente tem pra sempre, eu gosto de mostrar fotos pras pessoas pra elas saberem como ficou”**.

Maylane, pela imagem, demonstra um interesse por aquilo que embeleza a natureza, que são as flores, característica própria de quem vive na zona rural.

Sueli, 11 anos, diz:

“Eu moro numa chácara, não é longe daqui... A primeira foto que eu fiz foi das vacas, porque eu acho elas bonitas, eu ajudo a tratar delas, eu gosto das vacas assim juntas....

E foi a primeira foto que ela fez que acabou sendo a escolhida. Isso nos remete ao fato de que ela chegou a casa já com a intenção de fotografar as

vacas, seriam elas o objeto da estética. Mas esse objeto tem outros valores para Sueli. Ela deixa claro que gosta das vacas porque ajuda a tratá-las, a cuidá-las e em especial quando elas estão em grupos. Isso mostra a beleza tomando caráter de valorização pelo trabalho.

Na verdade, a adolescente não vê a beleza somente na vaca, mas na relação que ela estabelece com os animais. A beleza aqui habita a relação, habita na sua habilidade de trato com o animal, habita o controle que exerce sobre eles, habita no conjunto de cores e movimentos que um grupo de animais como esses estabelecem quando vivem parte de seu dia em confinamento, como mostra a imagem.

A Sueli aponta a beleza dos animais, como devem ser tratados. Além disso, o que as vacas também representam como sustento para sua família. Ela apresenta uma dimensão axiológica bastante interessante. Isso é belo!



Figura 13 - As vacas

Fonte: Sueli

Sueli ainda fotografou outras coisas que em princípio eu acreditei que seriam as escolhidas. Ela diz: **“a rosa eu fotografei, ela é de papel, eu ganhei da professora, não foi nada assim, especial... Ela me deu, mas não foi por um motivo especial. Eu guardo a rosa porque eu acho que enfeita a casa. Ela fica na sala...Agora o torrador de café é bonito é bem usado em casa, é útil, a gente usa bastante...”**

Mas ao final de sua entrevista ela ressalta a importância que os animais têm para ela, **“Eu gosto dos animais, daqueles que têm aqui na chácara”**. Ela não ressalta apenas que gosta de animais, ela diz que gosta dos animais que há perto de casa, que fazem parte de seu cotidiano, enfim, que participam de sua história como criança e adolescente em seu salutar exercício de trabalho.

Manuela, 9 anos, diz que:

“A primeira fotografia que eu fiz foi do cachorro, porque eu brinco com ele... ele me faz companhia. A outra que eu fiz foi dos porquinhos, mas eles não brincam comigo e também não ficam soltos. Aí, da janela de casa eu vejo essa casa” (aponta uma fotografia de uma casa de madeira cercada por um grande pasto), **“mas o que eu mais gosto daqui são as árvores, nem precisaria da casa aqui, eu gosto das árvores porque elas dão frutos. “**



Figura 14 - O porco

Fonte: Manuela

A perspectiva da imagem feita pela adolescente é central, parece que ela está dentro do espaço destinado ao porco, as linhas de perspectiva avançam para o centro e, ao mesmo tempo, para o espectador. Ao saírem pelas bordas laterais, essas quase se chegam a nós e nos deixam também dentro do espaço do porco.

Manuela é irmã de Sueli e ambas escolheram retratar o que consideravam belo a partir de sua própria experiência cotidiana. Ela ainda fez outras fotos, mas não foram escolhidas. Ela diz:

“Agora a fotografia da flor, é porque ela enfeita a casa, eu acho bonito. Mas de todas as fotos a que eu prefiro mais é a do porco, porque eu ajudo a tratar deles junto com meu irmão”

Ela afirma que em seu dia a dia não é habituada a tirar fotografias, mas isso não a intimidou como afirma no relato:

“Eu nunca tinha feito foto assim sozinha. Eu gostei, não é difícil, é fácil. Se eu tivesse que fotografar de novo eu faria do cachorro, mas o que eu mais gosto em foto é paisagem”.

Manuela, busca na imagem a representação da natureza, como afirma acima, porém o que ela buscou como belo não foi isso. Foi algo que tivesse relação com as coisas que faz, cuidar da criação, por exemplo.

Diana, 12 anos, diz:

“O cachorro foi o primeiro que eu fotografei, ficou bem bonita a foto. Eu fiz essa porque ele é engraçadinho, gosta de brincar é bem gordinho também ele me faz companhia. Depois eu fiz foto das plantas. Eu acho o formato e a cor das plantas bem bonito. Elas são assim..(faz gesto de mistério). Elas são da minha mãe, ela é que cuida delas, eu até ajudo mas não muito”.



Figura 15 - As plantas

Fonte: Diana

Olhando a fotografia que Diana fez, vemos três gaiolas de pássaros suspensas próximas ao teto da varanda e uma gaiola num suporte de chão. Os dois vasos de plantas estão ao lado da porta que parece dar acesso à área de lavar. Essa aparente desorganização do espaço fotografado na verdade é harmonioso para ela, pois em momento algum ela se queixou disso e até por concentrar a maior parte das coisas fotografadas, essa imagem é que foi eleita para aparecer no trabalho.

Pois, como afirma:

“O passarinho é do meu pai. Eu fiz foto dele porque ele é engraçadinho. Ele assovia, mexe com a gente, a gente passa perfume pra sair e ele assovia, fica no chão, toma café, ele fica solto. Muita gente chega lá em casa e quer comprar o passarinho, mas meu pai nem quer

saber. Eu acho ele bonito porque ele se comunica com a gente, ele quando quer carinho na cabeça procura a gente e fica se esfregando.....”

Diana ressalta a cor e o formato das plantas, porém na fala dela parece que falta algo para descrevê-las melhor, e gesticula tentando suprir essa falta. Essa planta transgride a regra de ser apenas “delicada”, ela é ousada, ela permite várias cores numa só folha, e mais ela é uma folhagem, não dará flores, no entanto ela é vermelha, branca e verde. Por que Diana a teria escolhido se o cachorro e o pássaro são **“engraçadinhos, gostam de brincar, o cão é bem gordinho também lhe faz companhia”** ?

Talvez a adolescente esteja olhando na planta sua própria situação, saindo da figura infantil e adentrando na adolescência cheia de cores e formatos diferentes e ousados.

Wander, 16 anos, diz:;

“Quando eu fui fazer as fotos eu perguntei pra minha mãe, e ela falou: a casa é bonita, só que só dava pra fotografar um pedaço da casa, aí eu não gostei muito.”

Ele respeitou a opinião da mãe, mas não ficou preso a ela. As imagens da casa são boas, porém Wander não as escolheu. A imagem escolhida coloca uma pequena mata em perspectiva visual dando a impressão de infinito.

“A natureza é bem bonita, sempre gostei, fui criado no sítio, lembro da minha infância, também tem a

mata, sempre tinha mata por perto e eu de longe olhava assim” (aponta a fotografia presente neste trabalho).

Para o adolescente, a beleza tem sabor de lembrança. Ele gosta de lembrar da infância que viveu no sítio, da maneira como a observava de longe e quem sabe dos sonhos que sonhava. A memória para ele está presente na relação com a beleza e com a vivacidade da lavoura cuidada pela família. E diz:

“Depois eu fiz a foto do pé de banana. Eu acho tudo nele bonito, por causa da plantação. É um verde vivo, acho muito bonita a plantação por isso que fiz foto do milharal também.”

Nota-se, pela forma de agir de Wander, o quanto é bela a natureza, quanto de atrativo ela oferece ao ser humano. Somente estando em contato com ela, é possível usufruir seus benefícios.



Figura 16 - A natureza

Fonte: Wander

O olho é nosso único órgão mais cerebino, ou seja, que está diretamente ligado ao cérebro“. *O sistema nervoso central e órgãos visuais estão ligados por nervos óticos, de tal sorte que a estrutura celular da retina nada mais é que uma expansão diferenciada da estrutura celular do cérebro*” (BOSI, 1990, p. 65). É o olho que proporciona ao ser humano maior eficiência na aprendizagem, mais conhecimentos e também a descobrir mais diferenças.

A anatomia dos olhos, sua frontalidade na face remete a uma centralidade do próprio cérebro, assim “o ato de olhar significa um dirigir a mente para um ”ato de intencionalidade”, um ato de significação que, para Husserl, apud Bosi (1990. p. 65) define a essência dos atos humanos”.

Boa parte da sociedade educacional contemporânea é regida por normas cartesianas, onde o preciso, o exato tornou-se soberano; dos órgãos dos sentidos, o olho foi o primeiro a se entregar a essa ordem. O que deve ser olhado, o que não deve, e como as coisas e pessoas podem ser olhadas são regras ditas a nós desde nossa menor idade.

Chauí (1990, p. 31) aponta para expressões verbais cotidianas referentes ao olhar, tais como: “não tem nada a ver”, ou “logo se vê” e ainda “veja o que diz”, e afirma que “assim falamos porque cremos nas palavras e nelas cremos porque cremos nos olhos”.

O olhar do racionalismo examina, classifica e compara, “mas este olhar nunca exprime” (BOSI, 1990, p. 77). Neste texto o olhar não é somente um suporte natural e ingênuo do espírito, é também um recorte de sua experiência familiar e social, ao qual agora ele tem uma missão: encontrar com o olhar o que considera belo em seu cotidiano. O olhar, ao mesmo tempo em que traz o mundo para dentro

de nós, nos lança para fora. Foi isso que capturamos dos olhares pesquisados. A singeleza do olhar não está só, acompanha a história e a opção em como olhá-la.

As artes querem trabalhar esse olhar pensante, atuar com todos os que delas se utilizam, numa direção de aprofundamento, de aprendizado, de crítica e de contemplação.

O olhar histórico desses adolescentes denuncia sua intencionalidade e mais que isso, os denuncia. Pobreza, dificuldades, mas ao mesmo tempo, como em todos nós, busca, inquietude, dignidade, beleza e alegrias de estar no mundo, de comungar esse sentimento com os objetos e com o espaço. O belo diante do olhar deles é a forma limpa de uma cômoda, a cor de uma flor, a agilidade de um animal, o reconhecimento social dado pelo conhecimento, a paisagem da varanda, o frescor que vem da natureza, a lembrança da professora, enfim, a beleza defronte aos seus olhares aponta uma dimensão estética em todo ato humano. Como Santaella já afirmou, a estética é o fim último de nossas ações (1998).

O grupo de adolescentes da zona urbana apresenta um total de 5 fotos. O grupo da zona rural apresenta 11 fotos. Os dois grupos apresentam características similares em relação à beleza, referindo-se a conceitos tais como: à utilidade, memória, afetividade e religiosidade, mas apresenta uma ênfase: destaca a beleza das cores.

Desde os primórdios da formação das aldeias, cidades, lugarejos, comunidades e tantos outros tipos de organização social, a colonização e permanência têm aspectos que se ligam além da sobrevivência física. Relacionam-se também ao sagrado e ao belo. Em alguns casos, permitem identificar o traje puramente simbólico e a decoração do corpo, como a utilização de roupas enquanto forma de proteção contra as oscilações do tempo.

O que chamou a atenção nas fotografias dos adolescentes pesquisados foram as relações de beleza encontradas no cotidiano deles. Nas imagens feitas, observamos que o belo para eles está ligado ao cotidiano e às lembranças do social. Há sempre uma referência sentimental de beleza em relação a si mesmos, a outros membros da família e aos objetos utilizados.

Gourhan apud Duarte Jr. (1998, p.35) afirma que o homem só é homem enquanto convive num contexto de significações.

(...) O homem só é homem na medida em que está entre outros homens e revestido dos símbolos representativos de sua razão de ser. Nus e imóveis, tanto o grande sacerdote como o vagabundo não passam de simples cadáveres de mamíferos superiores num tempo e num espaço destituído de significação, pois deixaram de ser o suporte de um sistema simbolicamente humano.

É preciso tomar cuidado com as afirmações de que esses adolescentes são produtos exclusivamente da cultura onde estão inseridos. Eles também são produtores da cultura. A educação é parte integrante da cultura, considerando que o fato cultural fundamental é o ser humano plenamente desenvolvido, capaz de educar a si e aos outros. A cultura é um modo específico do existir e do ser do homem. O homem vive segundo uma cultura que lhe é própria, determinando seu caráter humano e social da existência.

Como afirma Moraes (1992, p.08) “[...] o conceito de cultura é o resultado das ações do homem com o mundo e com os seus semelhantes [...]” todo o ser humano vive e se desenvolve em uma determinada cultura.

A cultura pode ser concebida conforme Sacristan (1998, p. 60), como “[...] o conjunto de representações individuais e grupais e coletivas de uma

comunidade [...]”. o homem passa a ser o sujeito da cultura como também o objeto. Ele se exprime pela cultura, é, ao mesmo tempo, sujeito e produto da cultura.

Essas considerações culturais se manifestam nos adolescentes entrevistados que estão sendo produzidos pela cultura do meio ambiente, da escola e da família e, ao mesmo tempo, acabando por produzir cultura pelo modo de suas existências que é ressaltado na memória histórica. Aos poucos vão produzindo também a concepção de beleza e de educação.

Mukarovsky (1988, p. 119) define a estética como “a ciência que estuda a função estética, as suas manifestações e os seus portadores”. E distingue quatro tipos de atitudes do homem perante o mundo: prática, teórica, religiosa, e estética. A atitude do homem perante o mundo que o rodeia é diferente quando ele atua de modo prático de quando ele procura conhecê-lo de maneira científica, ou quando procura entendê-lo sob uma perspectiva religiosa. Na atitude estética a atenção é dirigida sobre a própria realidade, convertida em signo.

As atitudes prática, teórica, mágico religiosa e estética são fundamentais e, misturando-as e combinando-as umas às outras, dão origem a outras atitudes. As atitudes prática e teórica referem-se à própria realidade, já as atitudes mágico-religiosa e estética transformam a realidade em signo, sem a alterar. As funções prática, teórica e mágico-religiosa dirigem sua atenção para tudo que o signo designa, o que ele menciona, enquanto a função estética concentra-se sobre o signo, e seu portador representa um valor em si próprio.

(...) só a função estética é capaz de manter o homem na situação de estranho perante o universo, de estranho que uma vez e outra descobre as regiões desconhecidas com um interesse nunca esgotado e vigilante, que toma sempre mais uma vez consciência de si próprio projetando-se na

realidade que o cerca, por sua vez tomando consciência da realidade circundante e medindo-a por si próprio. (...) Não há ato humano nem objeto sobre os quais a função estética não possa projetar-se – mesmo quando esses atos e objetos se destinam a outras funções”. (MUKAROVSKY, 1988, p. 124-125).

A arte é um grupo de atividades do homem, é criada com a intenção de efeito estético. É difícil perceber onde começa a arte e onde termina a criação, orientada pelo ponto de vista da prática. As atitudes e funções estéticas penetram incessantemente na vida; não existe local onde não possa estar impregnado de tal função. O estético é um componente importante de todos os processos humanos.

Para Osborne (1968, p. 20), existem três categorias básicas de interesse pelas belas-artes: pragmático, naturalista e formalista. O interesse pragmático dá origem a um grupo de teorias instrumentais da arte, e envolve um interesse prático pelos propósitos ou efeitos das obras de arte. Os critérios pertinentes a essa atitude pragmática são: “o valor do fim servido, ou que se supõe servido, pela obra de arte; a eficácia da obra de arte para esse fim; e a qualidade de sua execução”.

O naturalista expressa o interesse pela obra de arte como reflexo de uma realidade além da sua; pressupõe-se um interesse pelo assunto ou tema. Seus critérios característicos são a correção, a inteireza e o vigor da representação. O interesse maior é pelo assunto da obra de arte e não pela obra propriamente dita. O naturalismo está ligado ao interesse moral e prático pela arte e associa-se às teorias instrumentais. (idem, p. 23-24)

As teorias formalistas da arte derivam do interesse pelas obras de arte como promotoras do aprimoramento e gozo deliberados da experiência estética. O valor atribuído à experiência estética não se baseia no conhecimento do mundo à

nossa volta, que ela transmite, mas deriva do pleno exercício de uma sensibilidade exercitada e madura ampliada ao máximo. Reconhece-se que “conquanto possamos assumir uma atitude estética em relação a qualquer coisa, nem todas as coisas são igualmente capazes de sustentar a contemplação estética num ponto elevado”. O critério crítico pertinente a essa atitude é “a capacidade de uma obra de arte de ser apreciado, o grau em que uma obra de arte se apropria à sustentação da contemplação estética num observador convenientemente exercitado e preparado”. (idem, p. 25)

(...) as belas obras de arte são os mais felizes exemplos de uma classe especial de objetos perceptivos, cognominados ‘conjuntos orgânicos’, que, pela sutileza e complexidade de suas propriedades emergentes e pelas intrincadas relações hierárquicas existentes entre eles são notavelmente apropriados a evocar e sustentar a contemplação estética.” (OSBORNE, 1968, p. 26)

Nos grupos pesquisados, observamos que as imagens apresentam uma elaboração, um cuidado com o fazer imagem. Assim eles trazem quintais, salas, armários de cozinha, paredes, plantas em vasos, flores naturais e artificiais, cães, gatos, porcos, bois, passarinhos, televisores, computadores, latinhas, luneta, Bíblia, livros, árvores, desejos, lembranças, segurança, enfim, o mundo que chamamos de “sua casa” e a visão da janela para fora dela.

Essas respostas trazidas por eles, vêm ao encontro dos processos educativos da educação não formal que prevê que a história de vida do aluno e seu cotidiano constituem elemento fundamental para seu aprendizado e crescimento intelectual. Com isso busca-se o reconhecimento (conhecimento) da realidade e a criticidade, para uma leitura de mundo mais completa.

A fotografia como elemento de trabalho teve primeiramente o papel de estimulá-los a produzir imagens com as quais eles se identificam constituindo-os produtores de imagens, nos moldes próximos daqueles que sempre vêem na mídia, mas também, e principalmente, contar sua história. Por isso, são importantes seus depoimentos. Eles são as reflexões primeiras que puderam formular acerca dessas imagens.

Temos aí talvez a missão principal da estética – fazer os adolescentes contarem sua história, descobrirem sua história, inventarem sua história, trabalharem a partir do visual, suas identidades.

Os adolescentes lutaram com a técnica fotográfica, mesmo que simples, o que a câmara podia fazer. O que eles conseguiram fazer, o que eles descobriram no final. “ **Eu achei que a minha casa ia aparecer feia na foto, mas até que ficou legal..!**” e ainda, “ **a parede está meio assim.... manchada a pintura, mas não tem problema**”, disseram Patrícia e Henrique. A beleza da casa, a beleza daquilo que eles esperavam feio, a surpresa, a possibilidade de uma nova – velha – casa.

E com isso trazemos conteúdos educacionais transversais, muito trabalhados em educação não formal, como por exemplo: auto-estima, identidade pessoal e social, reconhecimento da importância da natureza/ecologia para todos os seres vivos e a arte como conhecimento sem cercas ideológicas ligadas à elite, entre outros.

A tarefa de mostrar a casa, de mostrar-se não é fácil, tanto que no grupo de adolescentes da zona urbana, cinco deles recusaram-se ou alegaram não

conseguir fazer e não participaram do projeto. Isso talvez para não se exporem ao mostrarem suas casas. A situação de todos é parecida, mas enquanto uns aceitam correr o risco, isto é, olhar pelo viés fotográfico sua situação, mostrá-la, imprimi-la em papel, outros recusam. Está aí um trabalho a ser feito.

Agora, diante do que coletamos entre imagens, relatos e análise das imagens, podemos classificar o valor de beleza dos grupos como convergentes e divergentes.

As imagens, de maneira geral, convergem para a casa, para seus lares e seus entornos. Elas voltam-se para seus produtores e expõem mais do que a casa física, todas as fotos acabaram por expor também a situação vivida pelo fotógrafo, este, que hoje passa pela adolescência, uma revolução hormonal, um universo de incertezas, a perda da infância e as possíveis cobranças do universo adulto que em breve baterão na porta.

A beleza por eles retratada aponta sempre algo significativo da casa ou da vivência cotidiana. A cômoda, os livros, a coleção de latas, a Bíblia, o pássaro na gaiola, a natureza atrás do paiol, as flores de plástico, o presente, o antúrio com sua cor, os peixes de volta à natureza para registrar a imagem, aquela dezena de latas com plantas e pequenas mudas florescendo, porquinhos na terra e vacas pastando, são elementos que convergem na questão da significação da beleza.

O que divergiu nos dois grupos foi exatamente a visão que cada qual teve, ou seja, os sujeitos da zona urbana olharam mais para dentro de casa e retrataram mais situações de proteção, a proteção pela Bíblia que dita atos e pensamentos, pelos livros que prometeram promoção e ascensão escolar, pela

cômoda que abrigou as coisas consideradas importantes, pelo pássaro na gaiola pedindo limite e enfim, pela coleção de latas e o telescópio que age como passaporte para o mundo adulto.

Talvez essa proteção esteja se manifestando como um desejo ou como ausente na vida desses adolescentes. Por isso, a estética é importante como elemento humanizador na formação do indivíduo, porque ela permite que no trabalho de arte educação onde podemos aplicar, por exemplo, uma situação estímulo aberta¹⁴ no grupo abrindo uma nova forma de encarar sua própria realidade e quem sabe, a partir da representação gráfica de suas angústias e medos o adolescente possa começar a entender e elaborar o que sente e então alterar o curso de sua história.

Os adolescentes da zona rural deram ênfase ao meio ambiente, à natureza, ao espaço mais amplo, ao entorno e trouxeram imagens de beleza mais voltadas para fora de casa do que para dentro, exceto dois entrevistados desse grupo pensaram a beleza dentro de casa, o restante buscou sua referência fora dela. Outro dado importante é que muitos relatos apontam para uma complexidade na vida que levam, ou seja, eles permitem-se estudar, participar do grupo não formal, realizar pequenos trabalhos, divertir-se e conversar usando diversas variações do português padrão tudo ao mesmo tempo, sem que isso tenha se tornado um peso para eles.

Os animais, as plantas, a paisagem e o universo da roça são reflexos de uma liberdade que esse grupo comporta. Esse é o aspecto que diverge do grupo

¹⁴ Este conceito faz parte da metodologia triangular que Ana Mae Barbosa defende e permite um direcionamento do trabalho em produção artística, porém não limita as possibilidades de criação do grupo.

urbano estudado. As imagens dos adolescentes da zona rural não representaram a falta ou a ansiedade de algo. Ao contrário, preocuparam-se em retratar o que vivenciavam naquele momento, não importando se as vacas ou o imenso gramado apenas fazem parte da vida imediata deles.

Os universos diferentes realmente apontaram belezas diferentes. Os adolescentes são biologicamente parecidos. Todos passam por uma série de intensas transformações num pequeno período, mas o espaço social em que vivem, o cotidiano que os abraça quando nascem vai contribuir na formação deste sujeito. Essa é uma preocupação pertinente àqueles que na educação formal ou não, devem ter, reconhecer que os valores estéticos são diferentes entre eles, e mais, encará-los como construção histórica que estão a todo o momento sujeitos a mudanças pois, esse sentido de beleza hoje dado pode não representar o mesmo sentido de beleza amanhã.

Esse é o desafio do valor estético na formação da pessoa, saber que a beleza e a estética oferecem sua contribuição para a humanização da pessoa, mas também saber que a referência de beleza é frágil e sustenta em sua natureza a capacidade de transformar-se.

“ A função estética fora da arte impõe-se tanto à nossa atenção, surgindo nas mais diversas manifestações da vida e mostrando-se componente indispensável, por exemplo, do habitat, do vestir, das relações sociais e etc., que é necessário refletir sobre o seu papel na organização geral do mundo.”

J. Mukarovsky (1988)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns adolescentes se envolveram com o meio fotográfico quase que perguntando o que é isso, e sua resposta se faz coro na sociedade; **“fotografia é uma coisa que você tira e guarda de recordação”** quer dizer, é um instrumento contra o esquecimento. A fotografia, neste trabalho atua como um traço de verdade, já dado pela sua própria condição, mas também como reveladora de outras verdades não tão evidentes, como vemos no caso dos adolescentes que ao fotografarem o interior da casa também retrataram fragmentos dos móveis ou paredes e, ao contrário do que pensavam sobre a precariedade dela, afirmaram : **“até que minha casa ficou legal”**. Essa constatação faz pensar sobre a vulnerabilidade e até mesmo no tênue limite entre o belo e o feio, que sem sombra de dúvida aponta para questões não ditas neste trabalho, mas que consistem em elementos importantes de pesquisa.

O aspecto predominante que observamos nos dois grupos, foi à relação simbólica que estabelecem com sua própria situação social e suas relações de beleza aí constituídas. Conforme Coelho (1999, p. 343) reflete sobre o símbolo:

(...) assim o símbolo é ligação, derivado do alemão *Sinn – Bild*, em cuja composição etimológica entram *Sinn* (sentido), que se refere ao engendramento da significação (o que remete ao domínio idiográfico-figural) e *Bild* (forma), que se relaciona com as constantes, as formas estruturantes e, por este modo, com o domínio arquetipológico da etologia humana. O que o símbolo faz é, portanto, promover articulação biopsíquica/sociocultural e apresentar-se, sob este aspecto, como ponte entre a realidade psíquica e a realidade física.

É o símbolo que permite ao sentido engendrar limites e diferenças, tornando possível uma mediação simbólica, que abre para o indivíduo a possibilidade de uma pré-compreensão do real (sempre único, singular, e não universal), moldando-lhe o comportamento social, Nesse sentido, torna-se função necessária à constituição da organização social..

O grupo rural, aborda a beleza de maneira menos determinada socialmente, ou seja, nenhum deles fotografou objetos que representassem valores sociais formais como a Bíblia ou os livros, vistos no grupo urbano. Ocuparam-se em retratar a beleza implícita no trabalho, na subsistência e até mesmo no sentimento de estar no mundo. Tanto é que a maior parte desse grupo rural apoiou-se em belezas externas à própria casa, saiu dela e colocou-se à frente, quase que se apoiando no vazio, ou melhor, no abstrato da beleza.

O grupo urbano, ateve-se ao interior das casas, organizou-se em torno do belo dentro de seus lares. Não se quer com isso afirmar que eles não vêem beleza alguma fora de suas casas, mas não a trouxeram aqui. Esse dado faz pensar sobre a própria situação do grupo que vive em periferia urbana, a violência diária em que estão submetidos talvez os levem a buscar caminhos de beleza mais “seguros” dentro de casa.

O que temos, portanto, é uma ambigüidade, sendo, a suntuosidade do simples, o poder do invisível, a beleza cotidiana.

O objetivo dessa imprecisão não é o confronto desses valores, mas sua harmonia. Não no sentido de ampliar o abismo estético entre as classes sociais, não no sentido de encarar a “estética das populações periféricas” como suprema ou como *kitsch*, mas, como universo de relações sociais que também não são eternas e imutáveis e não se estabelecem como desiguais e sim, como diferentes, constituindo-se um elemento educacional importante para a formação da pessoa humana.

Nesse imaginário simbólico, como conjunto de imagens não gratuitas e das relações de imagem, a memória participa da sua natureza, pois ela não é um

elemento ou faculdade passiva, mas é um princípio de organização de sociedade, do todo, que aparece freqüentemente a partir de algo vivido, podendo ser apenas um fragmento de experiência, mas, vivido e sentido. Ainda neste pensamento é, novamente Coelho (1999. p. 250) que nos diz:

(...) a memória ignora a decadência e a morte, a memória ergue-se contra as faces do tempo e alisa suas rugas físicas e conceituais, levantando-se como obstáculo à continuidade da consciência e dificulta a possibilidade de regredir para além das necessidades do destino atual tanto quanto propõe matéria prima à inteligência analítica e corrosiva. É a memória um dos instrumentos de melhoramento do mundo.

A memória apresenta-se como um outro aspecto compreendido neste grupo de relações (beleza x símbolo), haja vista a característica de resistência e busca que a compõe, apresentados por T. Coelho. Portanto, a estética, o símbolo e a memória são aspectos presentes na história da cultura popular e fundamentalmente no contexto educacional em que se inserem. Sendo assim, cabe a nós um olhar maior que a etnografia pode nos oferecer. Cabe um olhar educador, livre de preconceitos e pertinente aos nossos objetivos fundamentais de transformação social, cidadania construída emancipadamente para a recuperação do prazer e da beleza em produzir conhecimentos cheios de beleza significativa na escola formal.

Para tanto, o problema da educação não pode ser visto como um problema isolado. Acha-se estritamente relacionado aos impasses de fundo vivido em todas as dimensões da vida, isto é, do cotidiano, o que fica evidenciado no depoimento dos adolescentes ouvidos, quando expressam o que passa no seu interior. Diante de tal quadro, tem-se a impressão de que eles não separam suas aspirações e seus sentidos de vida das coisas que estão presentes na sua existência. Atuam na perspectiva de valorizar e divulgar os conhecimentos

constituídos nas relações sociais. Estas, como lugar privilegiado dos processos educativos, a família, os ambientes de trabalho, de estudo e do viver constituem meios para a formação do cidadão consciente.

As instituições de educação devem absorver essa realidade e reconhecer a capacidade dos formados na escola da vida, pois o processo educativo é verdadeiramente marcado pelo pragmatismo da vida.

A educação aparece mais como preparação de mão de obra para o mercado, ou com finalidade lucrativa, sem evidenciar o papel humano e o sentido cultural do contexto onde o cidadão está inserido, sem perceber, que as escolas vivem em seu interior os reflexos da sociedade. A educação freqüentemente é submetida a uma ação discriminatória, ficando à mercê de decisões pessoais e de tendências pedagógicas alheias às realidades e às culturas de nosso povo.

A educação é parte integrante da cultura, como remetente de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seus aspectos global, totalizante. Como anota Williams, (1992, p. 104) “a cultura designa o processo de cultivo da mente, assim, o homem é um ser eminentemente prático, sua existência se define com a contínua construção de seu modo de ser, mediante sua prática”. O homem vai construindo e conservando sua existência concreta, na medida em que através de sua prática, vai se relacionando com a natureza, pelo trabalho, com a sociedade e, em nosso caso especialmente, com a escola.

Nesta pesquisa, pudemos compreender as referências de beleza vividas no contexto educacional enraizada no cotidiano doméstico desses

adolescentes e, compreender quão válida é sua forma de reconhecer e eleger valores pertinentes à vida imbricada com a escola que eles apresentam. Assim, sua concepção de beleza é válida, pois demonstra seu relacionamento prático com o mundo onde sua ação presente depende de seu esquema de valores e significações adquiridos anteriormente. Isso demonstra um equilíbrio entre as faculdades intelectivas e emocionais, e para ajudar a refletir e concluir contamos com a ajuda de Dufrenne (1972, p. 87) que diz:

(...) de certo modo o objeto belo, aqui, é apenas a ocasião do prazer; a causa do prazer reside em mim, no acordo da imaginação com o intelecto; isto é, das duas faculdades que todo encontro do objeto põe em jogo; mas, enquanto no juízo de conhecimento o intelecto governa a imaginação, na experiência estética a imaginação livre, e o que experimentamos é o livre jogo das faculdades e da sua harmonia mais do que a sua hierarquia.

Finalizando, diante do olhar desses adolescentes, que partiu do concreto e do vivido, do empírico, isto é, das experiências deles, que belo é aquilo que visto agrada, é possível constatar alguns valores, que, atualmente, em parte estão sendo desprezados, como o sentido de humanismo expresso no pensamento desses adolescentes, ao valorizar as pessoas, como pais, irmãos, professora, animais, pássaros e tudo o que os cercam.

Portanto a visão do belo, para eles, não fica somente no concreto, no vivido no cotidiano, mas também invade o transcendental. A educação deveria ouvir um pouco mais os adolescentes, porque são capazes de dar muitas lições sobre educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Almerindo J. Sociologia da educação não escolar: reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática?, In: ESTEVES J.; STOER S. R. (orgs). **A sociologia na escola – Professores, educação e desenvolvimento**. Porto: Afrontamento, 1989.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

COULLON, Alain. **Etnometodologia e Educação**. Petropolis: Vozes, 1995.

DUARTE JR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

_____. **Por quê arte educação?**. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

_____. **O que é beleza?** São Paulo: Brasiliense, 1989.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Col. Debates).

FABRIS, Annateresa (org). **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HERNÁNDEZ, Fernandez. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORAES, Regis. **Estudos de Filosofia da Cultura**. São Paulo: Loyola, 1992.

MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Portugal: Editorial Estampa, 1988.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história, suas origens, transformações e perspectivas**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

OSBORNE, Harold. **Estética e teoria da arte**. São Paulo: Cultrix, 1968.

SANTAELLA, Lucia. **Arte e cultura: equívocos do elitismo**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. **A estética de Platão a Peirce**. São Paulo: Experimento, 1994.

SANTOS NETO, Fernando Augusto. **Diário de passagem: uma poética do desenho**. Londrina: Eduel, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores, v. 45).

SCHERER, Joana. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem 3**, Construção e análise de imagens. UFRJ, Núcleo de Antropologia e Imagem. RJ, UERJ, NAI, 1996.

SIMSON, Olga de Moraes Von (Org). **Educação não formal: cenários da criação**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

ACHUTTI, Luis Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo, 1997.

ALMEIDA, A. Betâmio. **A educação estético visual no ensino escolar**. Lisboa: Horizonte, 1976 (Biblioteca do educador profissional, 28).

BARBOSA, Ana Mãe. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva-secretaria de cultura, Ciência e Tecnologia, 1978 (Coleção Debates).

BEAUDOT, Alain. **A criatividade na escola**. São Paulo: Ed. Nacional, 1975 (Col. Atualidades pedagógicas)

CHAUI, Marilena. **Cultura e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

LEROI-GOURAN. **O gesto e a palavra**. Memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1983. v. 2.

PAULA CARVALHO, J.C. **A culturálise de grupos**: posições teóricas e heurísticas em educação e ação cultural. São Paulo: Faculdade de educação USP, 1991. Ensaio de titulação.

APÊNDICES

Os apêndices referem-se às entrevistas completas dos participantes da pesquisa, nesse momento não faço cortes nas falas deles e permito que o leitor possa participar também deste momento de riqueza investigativa.

Vale também dizer que, no corpo do texto não interfeiri na maneira como falavam e optei por manter a fala original dos entrevistados.

Maria (educadora) moradora da região, diz que aproximou-se da educação não formal como aluna para aprender coisas úteis para a vida, o educador queria que a gente aprendesse para poder ensinar as crianças, quando minha mãe morreu eu fiquei muito deprimida, aí em resolvi entrar no grupo para poder me distrair. Eu fui aluna durante mais de um ano, as aulas eram a noite, eu tive dificuldade de aprender algumas coisas, mas eu aprendi o que ele queria ensinar, por que as pessoas do grupo eram muito ansiosas, queriam aprender assim de uma vez, as coisas não são assim né... eu ainda fiquei com um grupo.

A gente não pode apavorar né, tem que ser tranqüilo...

Já estou trabalhando como educadora há dois anos, nos trabalhamos já ta perto de dois anos. O grupo que está aqui é bem fiel, aqueles que saem é por que vão embora, se mudam.

Eu gosto de trabalhar com eles, eu gosto de ensinar tudo o que eu sei pra eles, a gente ensina e aprende né, nossa as vezes eu fico contando as horas de encontrar com eles, as vezes a gente fica brava, ne... as vezes a gente da risada.. e eles recebem nossa presença com prazer, por que alguns já disseram que aqui é uma terapia pra eles, eles gostam de vir, a mãe não obriga, por que

chega aqui as vezes um fica bravo com o outro, mas logo resolve, eles querem ficar juntos. Eles gostam de ficar comunicando um com o outro, eles vão até em casa pra me procurar, acho que esse espaço aqui faz bem pra eles, ajuda muito... teve até caso de uns meninos que lá fora tava inimigo, aqui dentro fizeram amizade, se abraçaram.

Eu acho que o trabalho aqui ajuda bastante, ocupa a mente deles, eles saem daqui de dentro aprendendo alguma coisa boa né... eles não ficam pensando coisa mais ruim, assim, né... eles tem que ver que eles não podem ser uma toalha felpuda, por que uma toalha felpuda pode a gente pisar nela a qualquer momento, então eu ensino pra eles que a pessoa tem que ser humilde, que todos são iguais, então eles saem daqui sendo amigos.. aí lá fora eles vão entender.

Sabe, eu não posso falar que eu sei fazer tudo, só que o que eu sei eu passo para os outros, por isso é que eu vou estudar, pra passar pra eles (crianças), eu acho que o que eles aprendem aqui eles levam pra casa e aí pra família que vão construir, né... as crianças tem também pressa pra fazer as coisas, eu ensino que tem que ter calma, paciência, por que esse foi o caminho que eu também tive que fazer, ter calma, paciência e perseverança... tem que ser né... as vezes eu fico preocupada que não to conseguindo fazer uma coisa, aí eu paro, descanso a mente... eles gostam mais de pintar, eles gostam de ver as cores ficarem bonitas, esparramadas no tecido.

Eles ficam, as vezes, dias e dias no mesmo trabalho, ficam na mesma pintura, quando terminam querem levar pra família ver, eu deixo né, por que as vezes quatro horas de aula passam muito rápido e não dá pra terminar nenhum trabalho, as vezes ficam pintando três folhas do mesmo desenho.

João 12, eu gosto da casa, dos pilares, dos cachorros. Eu gosto de foto, por que é uma coisa que você tira e você guarda de recordação, ai quando eu ouvi que era pra fotografar o que eu achava bonito, eu pensei na minha família e na minha casa.

Eu gosto também das árvores e do sol, a natureza... eu acho que a foto ficou boa, eu gostei mais dela. Eu fotografei os cachorros por que eles são companheiros, também por que ele é meu, eu ganhei de presente, ele é um cachorro comprado.

Eu fotografei a natureza por que sem ela a gente não vive, eu gosto de brincar nas arvores, é o lugar que mais gosto de brincar, correr...eu prefiro brincar no meio da natureza do que ficar vendo teve.

Eu achei um pouco fácil fazer as fotografias, é bem legal

Angela, 14,

O que você escolheu como mais bonito, as flores, o cachorro,

Eu gosto de fotografar, eu acho fotografia bonito, eu achei a foto das flores a mais bonita. Acho que na foto ficou mais bonita, eu gosto dela assim vistosa. Eu tenho bastantes flores em casa, mas o que eu mais gostei foram essas.

Luciana, 9 anos,

Eu gostei mais da flor, mas eu fiz também da samambaia, eu gosto da flor, por que o miolo dela é vermelho, eu fotografei os peixinhos por que eu gostei deles. Eu fiz também a foto da foto do meu pai, quando ele estava no quartel, ele me contou as histórias de lá. Eu gosto de flores, quase fiz fotos só de flor, eu acho a antúrio bem mais bonita. A cor ficou mais bonita, na foto também. Eu acho o peixe bonito também eu gosto do vermelho dele, eu tenho só um peixe vermelho. O peixe é da minha mãe e a planta é da tia.

Lucia 12 anos,

Eu pensei logo no meu quarto, por que é o lugar onde mais fico, e ai eu cuidei mais também, eu escolhi este cantinho por que tem o porta retrato e o computador. Eu gosto da penteadeira, assim cheia de coisas, era mais ou menos assim que eu queria a foto, eu gosto dela assim, cheia de coisas e cores... assim meio bagunçado.. já o cachorro eu fotografei, por que ele é meu animalzinho, e companheiro, legal.... as flores são de plástico eu ganhei de presente de aniversário, eu acho mais bonito também é a cor, eu coloquei o peixinho junto só pra ficar bonito, por que o lugar dele é na penteadeira.

Beatriz 13 anos,

Eu fiz a primeira foto do pinheiro, fiz de cima, por que eu gosto do verde, eu gosto de coisa verde, de árvore de flor.... o cachorro é meu, ele tava morrendo de fome aí eu comecei a dar comida pra ele ai ele ficou, eu acho o “duque” tão fofinho, ele ta sempre comigo, mas as vezes ele atrapalha.

Eu nunca tinha fotografado, eu adoro foto, por que quando a gente vê uma foto tem uma lembrança, fica lembrando, quando tem saudade vai ver a foto e ai mata a saudade, é uma lembrança.

Os peixinhos ficam na sala, mas eu tirei deles no quintal por que a sala é muito escuro aí não é um ambiente legal, assim fica mais bonito.

Todos as peixes são meus, eles ficam nesses potes mesmo, eu acho que o ambiente que coloquei eles ficou bem legal. Eu achei as fotos bem lindas, mais as dos peixinhos, a foto deles ficou mais bonita por que , na verdade, eles estão no meio da natureza...

Jaqueline, 9 anos,

Eu fotografei meu gato, meu cachorro, meus porquinhos... eu acho os porquinhos mais bonitos, a foto deles todos juntos ficou mais legal, é aí mesmo que eles moram, eu acho eles mais bonitos, por causa do jeitinho deles, poor que eles são pequenininhos ainda, são bonitinhos eles são carinhosos assim... uns com os outros, todos juntos são mais bonitos....

Eu gostei da fotografia, mas eles são mais bonitos ao vivo.

Dos cachorros que fotografei, eu acho mais bonito a pose deles, eles param assim por conta... eu acho os animais mais bonitos do que as plantas, por que eles são diferentes, se eu tivesse que fotografar de novo, eu faria tudo igual....

Essa foto do porquinho pequenininho e da terra em volta dele bem grande, eu achei bem bonita por que eu também gosto da terra, acho ela bonita, a cor dela....

Maylane, 12 anos, 6 serie.

Eu fotografei de bonito em casa o meu cachorro branco, o pitico que é o preto e as plantas, eu fiz a foto do pitico quando ele tinha acabado de tomar banho, por que eu acho ele muito fofinho...

Depois eu fotografei a cozinha, os armários são os mais bonitos, acho que eu gosto deles por que são novos, porque eles são brancos, ficou legal na casa....

As plantas é meu pai que cuida, elas são bem verdes, eu gosto da samambaia, mas eu prefiro as que tem flores, porque eu acho que são mais bonitas, porque são delicadas.

O meu cachorro pitoco, é bem bonito, eu gosto dele, aqui ele estava se secando. Eu já tinha fotografado algumas vezes, não muito, mas eu gosto de fotografia por que é uma coisa que a gente tem pra sempre, eu gosto de mostrar fotos pras pessoas pra elas saberem como ficou.

Sueli, 11 anos,

Eu moro numa chácara, não é longe daqui...

A primeira foto que eu fiz foi das vacas, porque eu acho elas bonitas, eu ajudo a tratar delas, eu gosto das vacas assim juntas.... o cachorro eu é que cuido...

A rosa eu fotografei, ela é de papel, eu ganhei da professora, não foi nada assim, especial... ela me deu mas não foi por um motivo especial. Eu guardo a rosa por que eu acho que enfeita a casa. Ela fica na sala...

Agora o torrador de café é bonito é bem usado em casa, é útil, a gente usa bastante...

Eu gosto dos animais, das coisas que tem aqui na chácara

Eu gosto de animais. as flores naturais é na casa da minha avó fica sempre lindo lá....

Manuela, 9 anos,

A primeira fotografia que eu fiz foi do cachorro, por que eu brinco com ele... ele me faz companhia, a outra que eu fiz foi dos porquinhos, mas eles não brincam comigo e também não ficam soltos.

Aí, da janela de casa eu vejo essa casa (aponta uma fotografia de uma casa de madeira cercada por um grande pasto), mas o que eu mais gosto daqui são as arvores, nem precisaria da casa aqui, eu gosto das arvores por que elas dão frutos. Agora a fotografia da flor, é porque ela enfeita a casa, eu acho bonito. Mas de todas as fotos a que eu prefiro mais é a do porco, por que eu ajudo a tratar deles junto com meu irmão.

Eu nunca tinha feito foto assim sozinha, eu gostei, não é difícil, é fácil. Se eu tivesse que fotografar de novo eu faria do cachorro, mas o que eu mais gosto em foto é paisagem.

Diana, 12 anos,

O cachorro foi o primeiro que eu fotografei, ficou bem bonita a foto, eu fiz essa porque ele é engraçadinho, gosta de brincar é bem gordinho também ele me faz companhia.

Depois eu fiz foto das plantas, eu acho o formato e a cor das plantas bem bonito, elas são assim..(faz gesto de mistério) elas são da minha mãe, ela é que cuida delas, eu até ajudo mas não muito.

O passarinho é do meu pai, eu fiz foto dele porque ele é engraçadinho, ele assovia, mexe com a gente, a gente passa perfume pra sair e ele assovia, fica no chão, toma café, ele fica solto.

Muita gente chega lá em casa e quer comprar o passarinho, mas meu pai nem quer saber, eu acho ele bonito porque ele se comunica com a gente, ele quando quer carinho na cabeça procura a gente e fica se esfregando.... agora os cachorros que estão juntos é bem linda.

Wander, 16 anos,

Quando eu fui fazer as fotos eu perguntei pra minha mãe, e ela falou: a casa é bonita, só que só dava pra fotografar um pedaço da casa, aí eu não gostei muito.

A natureza é bem bonita, sempre gostei, fui criado no sítio, lembro da minha infância, também tem a mata, sempre tinha mata por perto e eu de longe olhava assim (aponta a fotografia presente neste trabalho), depois eu fiz a foto do

pé de banana, eu acho tudo nele bonito, por causa da plantação, é um verde vivo, acho muito bonito a plantação por isso que fiz foto do milho também. Agora os cachorros eu fiz por que é de estimação, um é meu e outro do meu irmão.

Fabiana, 13 anos

Tudo que está no quarto. Porque fico mais no quarto do que na sala ou cozinha. Fico lá porque é quieto, ninguém.... é quieto fica tudo em silêncio. Gosto mais da cômoda porque fico mexendo nela, abro e fecho. Lá tem roupa, brinquedo, presentes que eu ganho e guardo lá; fotos também.” ficava em dúvida. Acho o meu quarto mais bonito, é porque tem mais coisas, escolhi tirar dele. Ele é mais bonito porque no sofá tem brinquedos, as bonecas, assim em cima dele tem boneca, carrinho, roupas de quando eu era pequena... fiquei em dúvida ainda. Minha avó, minha tia, minha mãe, elas falavam: tira da sala!, dos quartos!, e a outra falava: não! Não! Tira do outro móvel!, minha mãe falou que é prá eu tirar do meu quarto, minha avó falou prá eu tirar da sala, da cozinha. Tirei do quarto porque foi opinião da minha mãe, a fotografia ficou bonita, por causa da cor. Mudou, ficou diferente. Ficou mais bonito na fotografia.

Minha mãe comprou. Falava assim: vou comprar essa (cômoda) que é mais bonita, . A cômoda foi comprada a pouco tempo, dois ou três meses.” E ela insiste: “Eu mais gosto do quarto! Onde eu fico mais é no quarto e além do mais eu gosto mais dele.

Patrícia, 13 anos

Minha mãe falou: tira das coisas que você mais gosta. Eu tirei do rádio. Meu pai falou: tira da televisão. Aí veio na minha cabeça a Bíblia, eu coloquei na cama do meu irmão. Sempre quando eu era pequena, contavam prá mim o que aconteceu, minha mãe lia a Bíblia para mim.

Ai eu comecei a ir na igreja para aprender a usar a Bíblia. Eu já aprendi, mas ainda não aprendi tudo. A Bíblia fica perto da cama da minha mãe e outra perto da minha.

Ai veio na minha cabeça os livros, Eu tenho que aprender mais e minha mãe comprou prá mim de um homem que passava lá na minha casa. Tem da 5ª série até o 3º ano. Ai eu estudo nas férias. As informações que tem na escola, no livro também tem. Aí dá prá estudar melhor, minha mãe ajudou a tirar, e o telefone que também parecia bem e do celular da minha mãe que ela liga prá falar do meu irmão, falar que vai chegar mais tarde.”

A agenda que eu ganhei do Marista, foi o melhor presente que podiam me dar. Adorei. Escrevo tudo o que me vem na cabeça. Quando tem alguma coisa eu escrevo nela. A cama que eu gosto de por ursinho, nessa cama durmo eu e minha irmã, minha mãe ficou com um pouquinho de vergonha, por causa da parede sem reforma. Não posso mentir que minha casa não é assim, então eu fotografei assim.

E a bicicleta que no final de semana eu saio para andar de bicicleta com meus irmãos.” sorridente, conta que não tem máquina fotográfica em casa, mas que sempre fazem fotos em comemorações e diz que as fotografias servem “Para lembrar quando a gente esquece e para mostrar prá quem não pode ir

André, 15 anos

Quando questionado sobre o que havia fotografado ele diz: “o cachorro eu brinco direto com ele, gosto bastante. A bicicleta porque eu gosto de ficar indo à casa da minha avó quando meu pai não pode levar. E a tv para ver noticia, assistir novela. O passarinho e o quadro deixam a casa mais elegante.”

A bicicleta tinha em casa há muito tempo e diz que havia pertencido a irmã falecida, mas não foi esse o principal objetivo que o motivou a fotografar a bicicleta, ele conta: “eu gosto de ficar indo na casa da minha avó quando meu pai não pode levar” e continua “O cachorro, meu pai ganhou porque o colega dele chamou ele no veterinário e deu o cachorro” e afirma que “agora meu pai não dá mais ele não, eu gosto do meu cachorro porque eu gosto de jogar bola com ele, ele ajuda a proteger a casa, ele já matou dois gatos que foram lá comer o passarinho do meu pai”.

O passarinho que fotografou fica numa gaiola pendurada no alto de uma janela, bem próxima do teto. Este lugar é geralmente destinado aos relógios de parede, crucifixos e fotos familiares. Mas na casa de Rodrigo o passarinho de estimação do pai ocupa este lugar, o lugar de destaque da casa, e diz : “faz o maior tempo que meu pai tem, eu gosto um pouco de imitar ele, porque o canto dele é muito legal, é também muito chamativo”, na continuação da descrição fala do televisor e do quadro que enfeita a sala, “a tv já tem faz uns meses, meu pai tá pagando ainda. Meu pai comprou do colega dele. O colega comprou, não conseguiu pagar e meu pai comprou dele. O vizinho que mora na frente. O quadro foi minha tia que deu pro meu pai, faz tempo que tem em casa. Direto eu lembro da minha tia que mora longe, lá no centro, faz tempo que eu não vou na casa dela. Quem pintou foi o namorado dela, é ele que pinta, direto ele faz uns quadros desses”.

Não podia escolher nem pai, nem mãe, nem irmã, nem sobrinho. Se pudesse escolheria pessoas, que é mais importante

Henrique, 14 anos,

“Eu acho que de bonito que tenho lá em casa é o meu quarto, é lá que eu fico quando estou triste, eu sempre estou por lá quando quero pensar. Eu gosto de ficar lá porque ninguém me incomoda, eu me sinto bem com as minhas coisas. O que eu gosto mais é do meu telescópio, acho que é a coisa mais valiosa que tenho. Adoro colecionar latinhas. Desde que sou pequeno eu comecei a colecionar e nem sei porque ainda coleciono ...”

“O telescópio eu ganhei da minha mãe. Foi quando eu fiquei em 23º lugar no Brasil na Olimpíada Brasileira de Astronomia. Foi uma prova que eu fiz no colégio, que eu me inscrevi e daí estou participando desta prova nos últimos três anos. Foi fim de ano, estava um dia chuvoso, era um sábado daí minha mãe, ela tinha chamado meus tios para irem em casa e eu achei que era uma festinha normal de fim de semana. Ai ela me entregou o telescópio e ela ficou muito feliz. Quase todas as noites que o céu está bem estrelado, eu fico olhando para ele no meu quintal. Ensinei a minha família, sempre que eles querem ver alguma coisa, tipo, eclipse da lua. Esse ano eu consegui pelo colégio fazer um curso na UEL (Universidade Estadual de Londrina) é um curso para professor só tem eu lá de aluno.

Carina, 14 anos

Diz que considera muito bonita a jabuticabeira que tem no quintal de casa, mas não soube dizer o porque, ela relata que considera belos os objetos ligados a valores simbólicos, como a Bíblia e imagens de santos e diz:

Eu tirei a foto da Bíblia, da Santa Luzia e do quadro de Nossa Senhora Aparecida, escolhi como belo a Bíblia porque é a palavra de Deus e a imagem de Nossa Senhora Aparecida por causa da presença dela

A Bíblia é da minha vó, Dona Zumira que tem 89 anos, mãe do meu pai. Foi assim, a Nilce uma catequista, na missa do Dia das Mães de 2003 ela perguntou qual era a mãe mais idosa e aí era a minha vó, que ganhou a Bíblia. É importante a gente ler a Bíblia e saber a História de Deus e lendo ela sabendo a realidade. A mensagem que veio com a Bíblia quando minha avó ganhou foi esta:

“O Criador imaginou alguém especial e essa pessoa foi você.” Feliz Dia das Mães 2003. Mãe mais idosa.”

ANEXO

Outras imagens feitas pelos adolescentes

Os entrevistados realizaram diversas fotografias, os anexos referem-se a uma outra imagem feita pelos adolescentes que não foi escolhida por eles para compor o trabalho.



IMAGEM DE FABIANA



IMAGEM DE ANDRÉ



IMAGEM DE CARINA



IMAGEM DE HENRIQUE



IMAGEM DE PATRÍCIA



IMAGEM DE JOÃO



IMAGEM DE ANGELA



IMAGEM DE LUCIANA



IMAGEM DE LUCIA



IMAGEM DE BEATRIZ



IMAGEM DE JAQUELINE



IMAGEM DE MAYLANE



IMAGEM DE SUELI



IMAGEM DE DIANA



IMAGEM DE MANUELA



IMAGEM DE WANDER